

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Letras e Comunicação
Curso de Bacharelado em Letras- Redação e revisão de textos



Trabalho de Conclusão de Curso

Interação e valoração: a palavra no contexto das relações dialógicas no meio digital

Sabrina Gonçalves D'Ávila

Pelotas, 2018

Sabrina Gonçalves D'Ávila

Interação e valoração: a palavra no contexto das relações dialógicas no meio digital

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Letras- Redação e revisão de textos.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Karina Giacomelli

Pelotas, 2018

Sabrina Gonçalves D'Ávila

Interação e valoração: a palavra no contexto das relações dialógicas no meio digital

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Bacharel em Letras- Redação e revisão de textos, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 26/02/2018

Banca examinadora:

Prof. Dra. Karina Giacomelli (Orientadora) Doutora em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria.

.....

Prof. Dr. Adail Sobral. Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Universidade Católica de São Paulo.

“Somos povoados pelo outro, e nossas relações com o outro faz de nós e deles os elementos constituintes da sociedade” (SOBRAL, 2009, p. 48).

D'ÁVILA, Sabrina Gonçalves. **Interação e valoração: a palavra no contexto das relações dialógicas no meio digital**. 2018. 62f. Trabalho de Conclusão de Curso. Bacharelado em Letras- Redação e revisão de textos. Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

Resumo

Este trabalho apresenta um estudo da acentuação valorativa das palavras “discriminação/preconceito” e “confortável”, a partir da polêmica criada pela recusa de atendimento médico, devido à divergência política, em um caso acontecido no ano de 2016, no Rio Grande do Sul, e que teve grande repercussão na mídia e nas redes sociais. Utiliza-se a teoria dialógica do Círculo de Bakhtin como aporte teórico para a análise de posts da internet, retirados de uma página do facebook e de um blog, constituídos de comentários a respeito do caso. Destacam-se, dessa teoria, alguns de seus conceitos-chave, tais como enunciado concreto, dialogismo, palavra e signo ideológico. Tratando, particularmente, do conceito de acento valorativo das palavras, analisou-se o discurso circulante em dez *posts* veiculados na internet, constituídos de comentários a respeito do caso, objetivando constatar a forma como as pessoas utilizam as palavras de acordo com o seu posicionamento ideológico. Verificou-se, assim, que a construção de sentido produzida nos enunciados, por pessoas de diferentes grupos ideológicos, ao manifestarem seus julgamentos de valor, demonstra que princípio expressivo do enunciado, ou seja, a acentuação valorativa do locutor com relação ao objeto do seu dizer, dialoga tanto com o discurso de seu interlocutor quanto com os discursos outros.

Palavras-chave: palavra; acento valorativo; ideologia; análise dialógica do discurso

D'ÁVILA, Sabrina Gonçalves. **Interaction and valuation: the word in the context of dialogical relations in the digital environment.** 2018. 62f. Term paper. Bachelor's degree in Letras - Redação e Revisão de Textos. Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

Abstract

This work presents a study concerning the evaluative tone of the words “discrimination/prejudice” and “comfortable”, from the polemic caused thanks to refusal in medical assistance due to political divergence, in a case that happened in 2016, in the state of Rio Grande do Sul, Brazil, and had great repercussions on the media and in social networks. The dialogical Curriculum theory proposed by Bakhtin is used as theoretical framework, in order to analyze posts from the internet, taken from a blog and a *Facebook* page, concerning the comments about the mentioned case. From this theory, some key concepts arise, such as concrete utterance, dialogism, word and ideological sign. Concerning especially the evaluative tone of words, the discourse was analyzed in ten posts available on the internet, constituted of comments about the case, with the objective of observing how people use the words from their ideological positioning. It was possible to realize that the meaning constructions produced on the posts by people of different ideological groups when manifesting their value judgements, show that the expressive principle of utterances, that is, the evaluative tone of the speaker in relation to the object of his/her speech, has a dialogue with both the addressee and the discourse of others.

Keywords: Word; Evaluative tone; Ideology; Dialogical analysis of discourse.

Lista de figuras

Figura 1	<i>post</i> 1: resposta do presidente do Simers	45
Figura 2	comentário 1	47
Figura 3	comentário 2	48
Figura 4	comentário 3	49
Figura 5	comentário 4	50
Figura 6	comentário 5	51
Figura 7	comentário 6	52
Figura 8	comentário 7	53
Figura 9	comentário 8	55
Figura 10	comentário 9	56

Sumário

1	Introdução	9
2	A linguagem no Círculo de Bakhtin	12
2.1	O enunciado como unidade fundamental da linguagem	13
2.2	As relações dialógicas da linguagem	21
2.3	A palavra como signo ideológico.....	26
3	Interação na Internet (corpus e metodologia de análise).....	34
3.1	Blog e página do Facebook como espaço de interação	36
3.2	Post e comentários: definindo o corpus	39
3.3	Análise dialógica do discurso: base metodológica	41
4	Análise da palavra no contexto das relações dialógicas no meio digital	45
5	Conclusão	57
	Referências	60

1 Introdução

O atual cenário político brasileiro resume-se ao radicalismo, à polarização política e ideológica das pessoas, que, no lugar de promoverem debates sensatos respeitando o posicionamento de cada indivíduo perante a situação, estão disseminando cada vez mais a intolerância política. Não raro presenciamos, através das mídias sociais e da imprensa, exemplos de casos envolvendo ataques, discriminação e violência, decorrentes de divergências partidárias, responsáveis por instaurar interações pautadas no ódio ideológico.

No dia 17 de março de 2016, um caso envolvendo diferentes posições políticas, acontecido em Porto Alegre, teve grande repercussão. A pediatra Maria Dolores Bressan, que acompanhava um paciente de um ano desde que ele nascera, enviou uma mensagem para o celular da mãe da criança, Adriane Leitão, suplente de vereadora na capital, pelo PT, e ex-secretária estadual de Tarso Genro (2011-2014), informando que estava “declinando irrevogavelmente” da condição médica da criança por motivos de discordância política. O caso aconteceu um dia após serem divulgados áudios de conversas do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, que foram grampeadas pela Operação Lava Jato.

A polêmica gerada pelo caso foi muito debatida por pessoas de diferentes posicionamentos políticos e ideológicos, indo muito além do impasse gerado entre discordâncias políticas x responsabilidade profissional. Assim, há os que defendem a conduta da pediatra, como Paulo de Argollo Mendes, presidente do Sindicato Médico do Rio Grande do Sul (Simers), considerando ética e honesta a atitude da profissional, e também o presidente da Unimed, Roberto Antequera Moron, que concorda com a decisão da médica de não mais atender aquele paciente.

Já para o presidente da Associação Médica do Rio Grande do Sul (Amrigrs), Alfredo Cantalice Neto, houve desrespeito e radicalização na conduta profissional da pediatra. Especialistas no assunto compartilham dessa opinião, considerando o caso como discriminação e acreditam que aqueles que apóiam tal comportamento não só estão fazendo interpretação equivocada do Código de Ética de medicina, como também estão contra o que determina a Constituição Federal, no tocante à discriminação de um paciente.

O Código de Ética Médica (2009), do Conselho Federal de Medicina, traz, no seu art. 7, Cap. I, que: “O médico exercerá sua profissão com autonomia, não sendo

obrigado a prestar serviços que contrariem os ditames de sua consciência ou a quem não deseje, excetuadas as situações de ausência de outro médico, em caso de urgência ou emergência, ou quando sua recusa possa trazer danos à saúde do paciente”. Da mesma forma, há de se avaliar o texto do Estatuto do CREMERS, que, no art. 18, inciso II, determina que: “Ao corpo clínico compete: prestar assistência médica aos pacientes, independentemente de cor, raça, religião, situação social ou política”.

A temática aqui pesquisada é o estudo da acentuação valorativa das palavras “discriminação/preconceito” e “confortável”, utilizadas por grupos de pessoas com posições políticas e ideológicas diferentes, em comentários que justificam o seu posicionamento frente à polêmica criada pela recusa de atendimento médico, devido à divergência política, por meio da análise do discurso, sob a perspectiva bakhtiniana.

As palavras que compõem o discurso em questão foram analisadas quanto ao seu acento de valor, levando em conta as relações que ocorrem entre os interlocutores, enquanto ação histórica, compartilhada socialmente entre eles no atual contexto político do Brasil. Nesse sentido, realizou-se o estudo das palavras, enquanto signo ideológico, usadas pelos grupos que apresentam posicionamentos diferentes perante a situação em questão, enfatizando seus acentos valorativos, no que se refere à responsividade que torna o sujeito dono de seu dizer em uma atitude responsiva, utilizando como base os pressupostos teóricos de Bakhtin.

Como as palavras são indicadoras de transformações sociais, elas são sensíveis às transformações na estrutura social e registram as mudanças que ocorrem. Tudo o que dizemos resulta das nossas relações dialógicas, compostas de nossas experiências com o(s) outro(s), do que lemos, ouvimos e ideias as quais compartilhamos ou mesmo rejeitamos. Elas manifestam valores ideológicos contraditórios e têm seu sentido firmado no contexto em que ocorrem, carregando os valores culturais que expressam as diferenças de opiniões e contradição de ideias numa sociedade. Por isso, a palavra não pertence a ninguém, está a serviço de qualquer ser humano e de qualquer juízo de valor.

As palavras, em suas propriedades e atuações materializadas em gêneros discursivos, sempre estabelecem apreciação social em relação aos eventos. Elas são habitadas de sentidos e de juízos de valor, impregnadas por posicionamentos

valorativos impressos por quem escreve/fala que, dessa forma, seleciona palavras do contexto em que está inserido, revelando sua ideologia frente à realidade.

A partir disso, conforme os pressupostos da teoria bakhtiniana, temos que a palavra não é neutra. Ao ser usada, ela se recobre da valoração que reflete uma posição ideológica inerente a um grupo social ao qual o locutor pertence. Daí, a impossibilidade de o sujeito se manifestar de modo imparcial perante um caso em que há divergência política, devido ao seu inerente posicionamento ideológico, a partir do qual se orienta o uso da palavra.

Este trabalho, fundamentado na teoria dialógica da linguagem bakhtiniana, mostra, em um caso específico, a importância da construção de sentido dos signos ideológicos, considerando a noção de responsividade, que torna o sujeito dono de seu dizer, nas relações carregadas de valores políticos e ideológicos.

Para tanto, no capítulo a seguir, inicia-se a apresentação do referencial teórico utilizado nesta investigação, fazendo uma abordagem sobre a linguagem para o Círculo de Bakhtin e trazendo, em seguida, conceitos fundamentais por eles trabalhados e que mais interessam a esta pesquisa, tais como enunciado concreto e dialogismo, palavra e signo.

No terceiro capítulo, levando-se em consideração o que discorre a teoria sobre as interações verbais mediadas pelas tecnologias digitais tendo o blog e a página da internet Facebook, bem como o post e comentários como meio de comunicação, definem-se as bases metodológicas e o corpus da pesquisa, respectivamente.

O quarto capítulo apresenta a análise realizada no corpus da pesquisa. Para tanto, descreve-se a Análise dialógica do discurso, utilizada como aporte teórico neste trabalho, elencando-se as etapas que, conforme Sobral (2014), constituem o procedimento da análise: descrição, análise e interpretação. No último capítulo, fecha-se o trabalho com a Conclusão.

2 A linguagem no Círculo de Bakhtin

Na Rússia soviética, entre 1917 e 1924, houve um projeto nacional voltado para a alfabetização de milhares de trabalhadores e à melhoria das condições culturais e intelectuais do povo, do qual participaram membros do Círculo bakhtiniano, que defendiam a divulgação da língua russa sem a supressão das diversas variantes e línguas nacionais faladas pelos trabalhadores. Nesse período, entendia-se que a identidade soviética deveria se construir pelo diálogo entre culturas e línguas de todas as repúblicas (FARIA E SILVA, 2013, p. 48).

Após o período da Revolução de 1917, a partir de 1924, difundiu-se uma política de criação de identidade baseada na idéia de unificar os estados soviéticos e de criar uma unidade da língua, sem respeitar as particularidades das línguas de cada república. A ordem, no país, era unificar a cultura e a língua e, logo, não tolerar as diferenças. Embora os estudiosos do Círculo de Bakhtin tenham iniciado seus debates em um tempo histórico de aceitação e exaltação das diferentes variedades linguísticas e culturais de uma nação, publicaram seus escritos em tempos de uma repressão no sentido de unificação da língua nacional (ibid., p. 48).

Partindo-se desses pressupostos, para Faria e Silva (2013, p. 48), Bakhtin, “ideologicamente, pensa a linguagem como um lugar de convergência de diferenças, em que a identidade se constrói pela convivência com a diversidade, com o outro”. O teórico russo aborda a linguagem em duas esferas inseparáveis: a dimensão da atividade humana e a dimensão do uso da língua. Contudo, tal abordagem não trata apenas da língua, como acontece na perspectiva saussuriana.

Da mesma forma em que há nas diversas esferas da atividade humana uma grande variedade de atividades humanas, há na esfera da comunicação um número extremamente variado de usos da língua. Apesar disso, padrões típicos formam-se nas atividades humanas, e, de maneira similar, na esfera da comunicação vão se formando formas típicas de uso da língua, ou formas típicas de enunciados, os gêneros do discurso (ibid., p. 48).

Diferentemente de algumas teorias que estudam a linguagem considerando a enunciação como processo, o ato de por em uso o sistema da língua, e o enunciado como um produto desse ato, segundo Faria e Silva (2013, p. 49), em Bakhtin, tem-se como conceito fundamental o *enunciado concreto*, que “é um todo formado pela

parte material (verbal ou visual) e pelos contextos de produção, circulação e recepção”. Ou seja, o processo e o produto da enunciação são constitutivos do enunciado.

Isso pode ser mais facilmente compreendido levando-se em conta que, ao se analisar um enunciado, deve-se ir além da sua possibilidade de avaliação material, atentando-se para os elementos que são fatores externos importantes para se entendê-lo, pois eles não servem apenas para explicar o enunciado, mas fazem parte dele como aspectos constitutivos do todo que cria sentidos. Vale ressaltar que um enunciado concreto pode ser constituído de apenas uma palavra, das mais de trezentas páginas de uma tese de doutorado ou de vários volumes de um romance, visto que o que marca as fronteiras do enunciado é a unidade de sentido.

O uso da linguagem está ligado a todos os diversos campos da atividade humana, sendo esse uso de caráter e formas tão multiformes quanto os próprios campos da atividade humana. Conforme Bakhtin (2000, p. 279), “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos) concretos e únicos”, pois, para o autor, “a linguagem comum e única é um sistema de normas linguísticas”. Porém, tais normas não são um imperativo abstrato, mas sim forças criadoras da vida da linguagem.

2.1 O enunciado como unidade fundamental da linguagem

Para compreender as características de definição bakhtiniana de enunciado, deve-se entender que, para Bakhtin, o objeto de interesse é o diálogo, tendo como unidade da comunicação o enunciado, diferentemente da linguística saussuriana, na qual se tem como objeto de estudo a língua, e como sua unidade, o signo verbal, constitutivo da oração palavra.

Define-se enunciado como “a unidade real da comunicação verbal” (BAKHTIN, 1997, p. 164-165), uma vez que o discurso só pode existir na forma de enunciados concretos e singulares pertencentes aos sujeitos discursivos de uma ou outra esfera da atividade e comunicação humanas. Ele constitui-se das dimensões verbal e social, sendo composto por um conjunto coerente de signos ou organização textual, bem como pela sua situação de interação, que inclui o tempo e o espaço históricos, os participantes sociais da interação e a sua orientação valorativa (RODRIGUES, 2004).

O enunciado está ligado a uma situação de interação, dentro de uma determinada esfera social, na qual, para Filho e Torga (2011, p. 2), “o enunciado de

um falante é precedido e sucedido pelo de um outro”. Essa situação de interação se integra ao enunciado transformando-se em uma de suas dimensões constitutivas, sem a qual haveria dificuldades em se compreender o sentido do enunciado.

Entende-se o enunciado como produto da interação verbal, determinado, tanto por uma situação material concreta, como pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma dada comunidade linguística (FILHO; TORGA, 2011). E, como unidade complexa, ultrapassa os limites do texto e não pode ser separado das relações sociais, pois, para Bakhtin (1997, p. 46), “há um vínculo efetivo entre enunciado e situação social, ou melhor, a situação social se integra ao enunciado, constitui-se como uma parte dele, indispensável para a compreensão de seu sentido”. Para o autor:

Um enunciado isolado e concreto sempre é dado num contexto cultural e semântico-axiológico (científico, artístico, político, etc.) ou no contexto de uma situação isolada da vida privada; apenas nesses contextos o enunciado isolado é vivo e compreensível: ele é verdadeiro ou falso, belo ou disforme, sincero ou malicioso, franco, cínico, autoritário e assim por diante (BAKHTIN, 1997, p. 46).

O todo do enunciado se constitui como tal a partir de elementos extralinguísticos (dialógicos) e está vinculado a outros enunciados em uma dada esfera social. Por isso, “as formas que constituem um enunciado completo só podem ser percebidas e compreendidas quando relacionadas com outros enunciados completos pertencentes a um mesmo e único domínio ideológico” BAKHTIN (2000, p. 289).

Bakhtin trata a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos, e não em suas peculiaridades formais e estruturais. No que se refere ao texto (verbal, oral ou escrito), este é a unidade, a realidade primeira, o ponto de partida para todas as disciplinas do campo das ciências humanas, apesar de suas finalidades científicas diversas. O texto constitui a realidade imediata para que se possa estudar o homem social e a sua linguagem, já que sua constituição, bem como sua linguagem é mediada pelo texto; pois é através dele que o homem exprime suas idéias e sentimentos. Para Filho e Torga (2011, p. 3), “essa concepção de texto vai ao encontro da concepção de enunciado, por recobrir ‘um só fenômeno concreto’”. Ainda sobre a concepção do autor sobre a noção de texto, apresentam-se duas características que “determinam” o texto como enunciado, sendo elas: o seu projeto discursivo (o autor e o seu querer dizer), e a realização desse projeto (produção do

enunciado atrelado às condições de interação e a relação com os outros enunciados (já-ditos e previstos). Para Sobral e Giacomelli, 2016):

Todo evento de fala é discursivo, manifesta-se a partir de algum gênero e para isso mobiliza textos. Todo evento de fala ocorre no âmbito de uma prática discursiva, e toda prática discursiva é uma prática social mesmo quando o sujeito fala ou pensa sozinho.

Do mesmo modo, Faria e Silva (2013, p. 60) traz que:

Não podemos pensar em enunciado concreto como 'texto', porque o termo texto, em algumas teorias, é marcado historicamente pela maior ênfase ao estudo da composição verbal, material, ainda que muitas teorias hoje reconheçam a importância de se levar em conta a interação entre os parceiros discursivos.

Sobre as diferentes idéias mencionadas acima, apoiando-se na perspectiva bakhtiniana, considera-se que o texto visto como enunciado tem uma função dialógica particular, na qual autor e destinatário mantêm relações dialógicas com outros textos (textos-enunciados) etc, ou seja, têm as mesmas características do enunciado, pois é concebido como tal. Bakhtin encara a linguagem como um fenômeno social, histórico e ideológico, e para o teórico russo, o que faz do texto um enunciado é ele ser analisado na integridade concreta e viva, considerando-se os seus aspectos sociais (FILHO E TORGA, 2011).

O enunciado tem caráter concreto (conceito enunciativo), "é fruto de uma relação concreta entre sujeitos concretos que se acha refletida em sua estrutura, diferentemente do contexto textual com o qual se designam frases usando o termo enunciado". Logo, o que faz com que uma frase/texto seja tomada como enunciado é, portanto, algo que vai além da frase e do texto, é a ação concreta do autor de conceber (intencionalidade) e executar (enunciação) um dado projeto enunciativo numa dada situação de enunciação, o que não anula as formas da língua, mas vai necessariamente além delas (SOBRAL, 2009, p. 92).

Cabe esclarecer acerca da relação entre as formas da língua e as formas típicas do enunciado, uma vez que a escolha de um tipo de oração depende do todo do enunciado completo. Segundo Bakhtin (2000, p. 306), "a frase é mobilizada em função do "todo do enunciado completo", ou seja, depende do projeto enunciativo do locutor; esse todo "determina nossa opção"; e esses elementos dirigem o processo discursivo, que é o espaço em que as frases, unidades da língua, adquirem sentido por serem mobilizadas num enunciado, unidade da comunicação discursiva.

O sentido dos enunciados, expresso por meio da materialidade das frases, é estruturado de acordo com as formas típicas dos enunciados, que dependem da concepção do todo do enunciado completo, algo que se aplica à composição de um conjunto de frases.

A frase é unidade do sistema linguístico, e uma dada frase pode significar muitas coisas e ser dita por qualquer pessoa, enquanto o enunciado é unidade do sistema de uso da língua e o que pode significar depende de seu autor, daquele a quem se dirige, do lugar e momento em que é proferido e do “querer dizer” (ou projeto enunciativo) desse seu autor.

Portanto, “enunciado e frase não se confundem, porque frases são mobilizadas pelos enunciados nos termos das normas flexíveis de composição do todo destes”. Uma mesma frase pode dizer coisas distintas a depender das formas típicas dos enunciados que a mobilizam, não havendo, portanto, uma relação direta entre frases e formas típicas de enunciados (SOBRAL, 2009, p. 95).

Assim, o teórico russo, além de reconhecer a legitimidade do estudo do texto como fenômeno puramente linguístico ou textual, assume-o como fenômeno sócio-discursivo, vinculado às condições concretas da vida. Logo:

Os enunciados e o tipo a que pertencem, ou seja, os gêneros do discurso, são as correias de transmissão que levam da história da sociedade à história da língua. Nenhum fenômeno novo (fonético, lexical, gramatical) pode entrar no sistema da língua sem ter sido longamente testado e ter passado pelo acabamento do estilo-gênero (BAKHTIN, 2000, p. 285).

O enunciado pode ser definido como uma unidade discursiva mediante a qual o locutor busca realizar um dado projeto enunciativo, de acordo com a interação em que está envolvido (e que o leva a alterar esse projeto ao longo de sua execução), tendo por material as formas da língua e imprimindo ao que é dito um tom avaliativo que leva em conta a resposta ativa presumida do interlocutor a quem o locutor se dirige. “O enunciado é unidade discursiva porque vai além das unidades linguísticas da palavra, a frase e o texto como materialidade. O enunciado situa-se entre o verbal e o não-verbal” (SOBRAL, 2009, p. 95).

O enunciado é concreto, uma unidade da comunicação verbal e do discurso e, como unidade de sentido, diante da qual se pode tomar uma atitude responsiva, relaciona-se com a situação de interação (extra-verbal) (RODRIGUES, 2004). E como unidade da comunicação verbal, possui características estruturais que lhe são comuns, e, acima de tudo, fronteiras claramente delimitadas, que são determinadas

pela alternância dos sujeitos falantes (locutores), observada com excepcional clareza no diálogo real- forma mais simples da comunicação verbal.

Todo enunciado comporta um início e um fim absolutos, no qual, antes de seu início, há os enunciados dos outros; após o seu fim, há os enunciados-respostas dos outros. Assim, “o locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro” (BAKHTIN, 2000, p. 294). O enunciado é, então, uma unidade real delimitada pela alternância dos sujeitos falantes que transferem a sua palavra ao outro ao terminarem seu dizer.

Bakhtin (2000) considera o diálogo como as relações que ocorrem entre interlocutores, em uma ação histórica compartilhada socialmente, ou seja, que se realiza em um tempo e local específicos, mas sempre mutável, devido às variações do contexto. Por isso, não se trata do modo de representar dois parceiros como no esquema tradicional da comunicação, no qual o papel ativo cabe ao emissor e ao receptor resta a passividade da percepção e da compreensão da fala. Para o autor, quem participa como ouvinte de uma comunicação real, uma fala viva, o que ele denomina enunciado, tem um papel ativo:

O ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e essa atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor (BAKHTIN, 2000, p. 290).

Para que o enunciado seja analisado dentro da perspectiva bakhtiniana, deve-se levar em conta o papel de dois componentes essenciais para a formação da situação interlocutiva que envolve o enunciado: o locutor e o interlocutor. Tanto um quanto outro possuem um papel ativo na relação de produção de sentido desse enunciado, pois o enunciado sempre gera uma resposta que precede outra resposta.

Essa resposta corresponde à compreensão responsiva ativa ou atitude responsiva ativa. Sobre esse complexo processo de comunicação verbal, as funções como “ouvinte” e “receptor” (parceiros do locutor) são inadequadas. Dessa forma, o ouvinte que compreende a significação de um discurso adota uma atitude responsiva ativa, isso significa, em Bakhtin (2000, p. 290), que “ele concorda ou discorda, completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e essa atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso emitido pelo locutor”. Bakhtin concebe que

a relação entre locutor e interlocutor sempre gera uma compreensão e uma atitude responsiva ativa, definindo as fronteiras do enunciado. Para o autor, “toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor” (p. 290).

A compreensão responsiva é mesmo antecipada pelo locutor, pois ele não espera que o seu interlocutor apenas reproduza o que ele diz, já que isso, iria apenas duplicar seu pensamento. O que ele espera é uma resposta, que pode ser uma concordância ou mesmo uma discordância, uma adesão ou objeção. Isso significa dizer que “toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se locutor” (BAKHTIN, 2000, p. 290). Como elucida o teórico:

Enquanto elaboro meu enunciado, tendo a determinar essa resposta de modo ativo; por outro lado, tendo a presumi-la e essa resposta presumida, por sua vez, influi no meu enunciado (precavendo-me das objeções que estou prevendo, assinalo restrições, etc.). Enquanto falo, sempre levo em conta o fundo aperceptivo sobre o qual minha fala será recebida pelo destinatário: o grau de informação que ele tem da situação, seus conhecimentos especializados na área de determinada comunicação cultural, suas opiniões e convicções, seus preconceitos (seus pontos de vista), suas simpatias e antipatias, etc.; pois é isso que condicionará sua compreensão responsiva de meu enunciado (IBID., p. 321).

Observa-se, então, que a compreensão é um processo ativo em que todo o dizer é orientado para a resposta. Mas, todo dizer é também orientado para o já-dito, internamente dialogizado. Por isso, o significado de diálogo, para o autor, é mais abrangente, pois compreende que o próprio locutor também não é o primeiro locutor, porque se utiliza de enunciados anteriores aos quais o seu enunciado está ligado e com os quais mantêm vínculos de fundamentação, de concordância, de polêmica etc. Desse modo, “Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados” (ibid., p. 291).

Outra particularidade do enunciado concebido como comunicação verbal, e que o distingue da unidade da língua, é o acabamento específico do enunciado, que corresponde à alternância dos sujeitos falantes vista do interior, ou seja, percebemos quando o locutor terminou seu discurso, disse ou escreveu tudo o que queria num dado momento. Tal acabamento pode ser determinado por critérios particulares, tais como a possibilidade de responder, adotando uma atitude responsiva.

Em ambos os critérios estruturais intrinsecamente ligados, propostos pelo Círculo para a identificação do enunciado, conforme Sobral (2009, p. 92), “vemos a

presença inevitável do outro, uma vez que a alternância e o acabamento são precisamente o que permite a resposta do outro”. Isso demonstra que não basta que o enunciado seja inteligível no nível da língua, ele deve suscitar uma possibilidade de reação de resposta, de compreender de modo responsivo.

O enunciado envolve quanto a isso três fatores inter-relacionados: 1) o tratamento exaustivo do objeto do sentido varia de acordo com o campo da ação humana em que o enunciado é produzido e proferido; 2) o intuito, o querer-dizer do locutor; e 3) as formas típicas de estruturação do gênero do acabamento (ibid., p. 93).

O sentido, na teoria bakhtiniana, desdobra-se em *tema* e *significação*. O conceito de tema como designação dos sentidos nascidos da interação dialógica, os verdadeiros sentidos da linguagem humana, porque concretos e dinâmicos, se estende à própria história da língua, ao mostrar que nenhum significado é fixado de uma vez por todas, porque novos contextos criam novos temas, mesmo partindo de significações remotas, já que, para o Círculo, a língua é um sistema dinâmico, não um repertório estático de palavras dicionarizadas e de construções eternas (ibid., p. 76).

Assim, “tema” não é simplesmente “assunto” ou “tópico”, mas sentido concreto, contextual, sentido que parte do sentido abstrato, registrado nos dicionários e vai além dele. Para o Círculo, a enunciação leva em conta tanto o tema quanto a significação: as formas da língua são o plano da significação, dos significados convencionalmente estabelecidos, fixados, cristalizados, e a interação é o plano dos elementos concretos que surgem do contexto em que essas formas da língua, incluindo palavras, são usadas, o plano do tema (SOBRAL, 2009, p. 75-76).

Desse modo, “tema” e “significação” estão ligados de tal modo que um não pode existir sem o outro: não podemos entender a significação sem que haja um tema com quem ela esteja associada, nem podemos entender um tema com independentemente da significação que lhe serve de base- e que é associada ao tema no ato de interação (ibid., p. 75-76).

A “significação” é o conjunto de elementos da língua que são reiteráveis e idênticos, as formas fixadas da língua. Trata-se de elementos abstratos fundados numa convenção, elementos que não têm existência concreta independente da enunciação, embora seja parte dela. A “significação” é um conjunto de recursos necessários à realização do “tema”, sendo nessa realização que nasce o sentido.

Porém, ela não é suficiente para dar conta do sentido, porque este sempre nasce em situações concretas nas quais prevalece o tema. Assim, conforme o Círculo, a significação é inferior e o tema superior, no que se refere à precedência, uma vez que aquela vem antes deste, e este daquela depende para existir (ibid., p. 75-76).

A significação é constante, ela acompanha a palavra sempre que essa é empregada. Já a ideia de tema é melhor entendida como “unidade temática”, expressão que esclarece o que distingue tema de assunto, e o que define como o conjunto integrado de elementos únicos que se manifestam na enunciação concreta, os elementos não reiteráveis e não-idênticos da enunciação, tão únicos quanto ela, e que geram sentido por ser tomados em seu contexto e em sua interação de produção (ibid., p. 75-76).

O tema é único e só entendido quando se levam em conta os elementos extra-verbais da enunciação ao lado dos elementos verbais, é irrepetível, pois se refere ao todo do enunciado concreto: parte verbal, entonação, relação entre interlocutores (quem fala com quem), condições sócio-históricas, condições de tempo e espaço etc. Cada situação é única e constitui um enunciado concreto que jamais se repetirá, ainda que a palavra se repita inúmeras vezes. Assim, só podemos saber o tema de um enunciado entendendo quem é o seu autor e com qual ou quais interlocutores ele interage no ato de pronunciar a palavra (ibid., p. 75-76).

Ainda sobre esse tópico, no que se refere aos sentidos do enunciado, Sobral elucida que “o tema está ligado aos recortes ideológicos da realidade, dado que os sentidos criados nas situações concretas não são criação totalmente nova dos sujeitos em interação, mas advêm da soma das relações sociais desses sujeitos” (ibid., p. 76).

O Círculo concebe o sentido como fruto da interação, de cunho ideológico. A interação é entendida como essencialmente fundada no diálogo em sentido amplo, algo que dele não se separa, ou seja, que envolve mais de um termo e mais de um sujeito: a “pergunta” e a “resposta”- que podem naturalmente ser feitas por um só sujeito-, o eu e o outro- mesmo a conversa de um sujeito consigo mesmo é, para o Círculo, um “diálogo”, pois não há eu sem o outro, nem outro sem eu. Assim, a interação é apresentada como constitutiva do processo contínuo de criação do sentido, visto que, sem ela, há um afastamento do diálogo e, portanto, não há sentido.

No que se refere à interação, para o Círculo, trata-se da própria base, raiz e fundamento do sentido: a relação entre sujeitos. A interação, embora englobe o plano da relação face-a-face entre sujeitos, vai além, vai da conversa face-a-face à relação entre sujeitos de lugares e mesmo épocas distintos, algo sem o que o sentido não poderia surgir, pois o que não se vincula, não é resposta a coisa alguma parece sem propósito ao ser humano.

Assim, para o Círculo, temos que a interação é condicionada pela situação pessoal, social e histórica dos participantes e pelas condições materiais e institucionais- imediatas e mediatas- em que ocorre o intercâmbio verbal. Todos esses elementos condicionam o discurso, tanto por meio da interdiscursividade como por meio da relação dialógica entre os sujeitos do discurso.

2.2 As relações dialógicas da linguagem

O interesse pela questão do diálogo/da ideologia como objeto de estudo científico começou pelo diálogo face-a-face, ou seja, pela interação como era então entendida, numa época em que ainda predominava na União Soviética a linguística histórico-comparativa. Nessa época, o texto escrito, principalmente o literário, era visto como “documento” de uma época ou de um país (SOBRAL, 2009, p. 23).

No entanto, dialogismo não se confunde com “diálogo”, quer se trate das réplicas de um diálogo face-a-face ou de sua representação em discursos, estéticos e outros. O diálogo é um fenômeno textual e um procedimento discursivo englobado pelo dialogismo, sendo apenas um de seus níveis mais evidentes no nível da materialidade discursiva (SOBRAL, 2009, p. 34).

Já o enunciado e o discurso, embora bastante subjetivos, continuam a ser dialógicos, pois não pode haver enunciado sem sujeito enunciator; o sujeito não pode agir fora de uma interação, mesmo que o outro não esteja fisicamente presente e não há interação sem diálogo- que é uma relação entre mais de um sujeito-, mesmo no caso do chamado “discurso interior”, quando o discurso do sujeito é dirigido a si mesmo (ibid., p. 34).

A característica dialógica da linguagem é definida por Bakhtin a partir do conceito de diálogo, que pode ser definido como a alternância entre enunciados, entre acabamentos, ou seja, entre sujeitos falantes, entre diferentes posicionamentos. De acordo com o autor,

O diálogo, por sua clareza e simplicidade, é a forma clássica da comunicação verbal. Cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui um acabamento específico que expressa a posição do locutor, sendo possível responder, sendo possível tomar, com relação a essa réplica, uma posição responsiva (BAKHTIN, 2000, p. 294).

O dialogismo é conceito amplo de cunho filosófico, discursivo e textual. Sobral (2009, p. 39) afirma que o dialogismo “busca dar conta do elemento constitutivo não apenas dos discursos como da própria linguagem e mesmo do ser e do agir humanos”, designando, em primeiro lugar, a condição essencial do próprio ser e agir dos sujeitos- que só vêm a existir na relação com outros sujeitos. Em segundo lugar, a condição de possibilidade da produção de enunciados/discursos, do sentido, portanto, para o Círculo, adquirimos a linguagem em contato com os usos da linguagem nas situações a que somos expostos e não nos dicionários ou nas gramáticas- o sentido nasce de “diálogos”, entre formas de enunciados passados e já produzidos e forma de enunciados/discursos futuros, que podem vir a ser produzidos. E, por fim, dialogismo é a base de uma forma de composição de enunciados/discursos, o diálogo, não se restringindo às réplicas “mostradas” de uma interação na superfície textual, que é a função da forma diálogo (ibid., p. 36).

Para ilustrar a diferença entre diálogo e dialogismo, Froehlich, apoiando- se em Marchezan, explica que “a noção de diálogo abrange tanto o sentido mais estrito do – enquanto gênero primário, os diálogos do cotidiano – quanto o sentido mais amplo de condição dialógica da linguagem”. Nos diálogos do cotidiano “são atenuadas as convenções culturais e é dispensada a atenção a hierarquias e a diferentes papéis sociais” entre seus participantes. E, “desse relaxamento de regras e coerções sociais, derivam a descontração, a confiança, a expectativa de boa vontade” (MARCHEZAN, 2012, p. 77 apud FROEHLICH, 2016, p. 126) que caracterizam a entoação em tais diálogos. Já a condição dialógica da linguagem remete ao “entendimento de que qualquer desempenho verbal é constituído numa relação, numa alternância de vozes” (MARCHEZAN, 2012, p. 77 apud FROEHLICH, 2016, p. 117), numa reciprocidade entre um eu e um outro.

A concepção dialógica propõe que a linguagem (e os discursos) têm seus sentidos produzidos pela presença constitutiva da intersubjetividade- a interação entre as subjetividades- no intercâmbio verbal, ou seja, as situações concretas de exercício da linguagem (SOBRAL, 2009, p. 32).

O conceito de dialogismo, vinculado indissolúvelmente com o de interação, é, assim, a base do processo de produção dos discursos e da própria linguagem. Conforme o Círculo, o locutor e o interlocutor têm o mesmo peso, porque toda enunciação é uma “resposta”, uma réplica, a enunciações passadas e a possíveis enunciações futuras, e ao mesmo tempo uma “pergunta”, uma “interpelação” a outras enunciações.

Assim, o Círculo entende as relações dialógicas considerando que a recepção presumida dos discursos é tão parte da criação do sentido quanto o são sua produção e sua circulação: “não há sentido fora da diferença, da arena, do confronto, da interação dialógica, e assim como não há um discurso sem outros discursos, não há eu sem outro, nem outro sem eu”, destaca Sobral (2009, p. 39).

A concepção dialógica sustenta que, antes mesmo de falar, o locutor altera, “modula” sua fala, seu modo de dizer, de acordo com a “imagem presumida” que cria de interlocutores representativos do grupo a que se dirige. Esse modo de entender as relações dialógicas marca a concepção de interação radicalmente ideológica do Círculo (ibid., p. 40). “Chamo sentido ao que é resposta a uma pergunta. O que não responde a nenhuma pergunta carece de sentido [...] O sentido sempre responde a uma pergunta. O que não responde a nada parece-nos insensato, separa-se do diálogo” (BAKHTIN, 2000, p. 386).

Dessa forma, Sobral (2009, p. 40) evidencia que “só faz sentido para o ser humano aquilo que responde a “alguma coisa”, ainda que essa coisa, ou a resposta a ela seja o silêncio, que também é uma enunciação”. O autor conclui que a “resposta” não precisa ser precedida de uma “pergunta” concreta; ela é resposta no sentido de “réplica” tanto ao que foi dito como ao que, do ponto de vista do sujeito, pode ser dito, pois a “resposta” é dada não só a enunciados/ enunciações que precedem o discurso como também aos que poderão suceder, e as enunciações não ocorrem em algum plano abstrato, mas no ambiente da vida concreta dos sujeitos (2009, p. 41).

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa (BAKHTIN, 1997).

O diálogo realiza-se na linguagem e refere-se a qualquer forma de discurso,

quer sejam nas relações dialógicas que ocorrem no cotidiano, quer sejam em textos artísticos ou literários, livros, impressos. Assim, o diálogo, no sentido estrito, tal como é entendido usualmente, é apenas uma das formas da interação verbal, sendo que, na realidade, essa noção, no Círculo de Bakhtin, recobre toda a comunicação verbal.

Sobral (2009, p. 32) elucida que, “para o Círculo, todo enunciado pressupõe uma enunciação e toda enunciação produz enunciados”. A unidade real da comunicação verbal é, então, o enunciado, sendo que a fala só existe em forma de enunciados concretos do sujeito de um discurso real que faz com que os enunciados se relacionem uns com os outros.

Para Fiorin, todos os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos. Neles, existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro. Com isso, o autor quer dizer que o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu, ao afirmar que a palavra “é sempre e inevitavelmente também a palavra do outro” (2006, p. 19).

Por isso, conforme Fiorin (2006, p. 19), “todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado pelo discurso alheio. O dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados”. Assim:

O enunciado está repleto de ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera (a palavra ‘resposta’ é empregada, aqui, no sentido lato): refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles (BAKHTIN, 2000, p. 316).

Segundo refere Ruiz (2017, p. 44), “para o Círculo, os enunciados são concebidos como um conjunto de sentidos que estão impregnados de relações dialógicas”. As relações dialógicas dizem respeito tanto ao diálogo entre interlocutores, que se baseia na interação fundadora da linguagem, como à relação entre enunciados, ou seja, a ligação com os enunciados que o precedem e que o sucedem na cadeia da comunicação verbal, refletindo o processo verbal, os enunciados dos outros e os elos anteriores. Dessa forma, é uma expressão dupla do discurso: a sua própria, ou seja, a do outro, e a do enunciado que o acolhe. Em relação ao primeiro ponto, Bakhtin (VOLOSHINOV) enfatiza que:

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade (BAKHTIN (VOLOSHINOV) (2000), p. 113).

Já considerando o segundo, Bakhtin aponta que, quando o locutor se refere a um objeto, não é o primeiro a fazê-lo – isso já foi feito antes, em outro lugar, outro momento por outros locutores, o que faz com que esse objeto esteja repleto de diferentes pontos de vista, de visões de mundo diversas. Por isso, em todo enunciado, encontram-se palavras dos outros, fazendo com que aí não circulem somente um discurso sobre o objeto, mas também o discurso do outro sobre esse objeto, mais ou menos explícito, em graus diferentes de alteridade. Assim, “A mais leve alusão ao enunciado do outro confere à fala um aspecto dialógico que nenhum tema constituído puramente pelo objeto poderia conferir-lhe” (BAKHTIN, 2000, p. 320).

O enunciado representa uma posição definida sobre algo somente a partir de outras posições, pois ele é repleto de reações-resposta a outros enunciados na efetiva comunicação verbal, que assumem formas variáveis. São tonalidades dialógicas que preenchem um enunciado: reprodução direta do enunciado alheio; introdução de palavras e de orações que representam enunciados completos que, tomados isoladamente, podem conservar sua alteridade ou serem modificados, revestindo-se de ironia, indignação, admiração, etc.; paráfrases que tenham por objetivo repensar o enunciado alheio ou a ele fazer referência por se tratar de opiniões conhecidas de um parceiro discursivo; pressuposição explícita; seleção de recursos linguísticos ou de entonações não determinada pelo objeto e, sim, pelo enunciado do outro sobre o mesmo tema.

Considerando que “o enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal”, ele representa a parte ativa do locutor em relação ao conteúdo do objeto de sentido, e que faz com que ele escolha os recursos linguísticos e o gênero do discurso para tratar do tema do enunciado. Essa é, segundo Bakhtin, a fase inicial do enunciado, sendo que a segunda é a “necessidade de expressividade do locutor ante o objeto de seu enunciado.” (ibid., p. 308). Trata-se da relação valorativa com o objeto de discurso feito pelo locutor, ou seja, “um juízo de valor a respeito da realidade, que ele realizará mediante um enunciado completo” (ibid., p. 309).

Toda a vida da linguagem, seja qual for o campo de seu emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas, que se situam no campo do discurso, o qual é por natureza dialógica (ibid., 2000, p. 209). Conforme aponta Ruiz (2017, p. 44), “os enunciados materializam os discursos, eles estão em relação dialógica desde que sejam compreendidos como posições semânticas, posto que os limites do discurso são da ordem do sentido.

2.3 A palavra como signo ideológico

A concepção dialógica da linguagem do Círculo de Bakhtin abarca a enunciação e suas particularidades, relacionando-a com a sua materialização em discursos proferidos pela ação concreta de sujeitos sociais e históricos em determinada sociedade. Além disso, trata do papel semiótico e ideológico da linguagem na construção da subjetividade (a questão da consciência) e sua relação com a produção cultural da sociedade (ibid., p. 45).

Para Bakhtin, “tudo que é ideológico é um signo. Sem signo não há ideologia (2006, p. 29). Sobre isso, Sobral (2009, p. 78) assevera que a compreensão e a consciência só se produzem com base num material semiótico e como esse material se institui como realidade concreta, a própria consciência só se constitui, no processo de interação social, a partir do ideológico. Para o autor (p. 78), “a plenitude ideológica ocorre apenas quando se realiza em signo, e a realização em signo só ocorre por meio da plenitude ideológica.” Nas palavras de Bakhtin:

Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico (BAKHTIN, 2006, p. 30).

Como o signo ideológico é um fragmento material da realidade, a palavra é o meio em que se efetiva a comunicação verbal; por isso, é considerada o lócus privilegiado para se estudar a relação entre ideologia e linguagem para o Círculo. Essa escolha se justifica por ser a palavra um dos modos fundamentais em que se realiza a relação social. A palavra, concebida como signo neutro, pode ocupar qualquer posição nos diferentes discursos, por não pressupor qualquer função ideológica específica (RUIZ, 2017, p. 47). Assim:

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social (BAKHTIN, 2006, p. 34).

Por muito tempo, a palavra já foi tratada de forma abstrata, desvinculada de sua realidade de circulação e posta como um centro imanente de significados captados pelo olhar do observador (STELLA, 2005, p. 177). No final do século XIX e início do século XX, a gramática seccionava a palavra e organizava suas partes em paradigmas de flexão e declinação. A filologia descrevia a evolução histórico-fonética da palavra e a Linguística passava por duas fases de observação da palavra: organizava as línguas em suas famílias e respectivas ramificações de acordo com suas origens, percebendo o funcionamento sistemático da língua e também descrevia as relações estruturais em vários níveis, a partir da palavra.

Contudo, Bakhtin e os estudiosos de seu Círculo, desde as primeiras décadas do século XX, trataram a palavra e a linguagem em geral levando em conta sua história, historicidade, especialmente a língua em uso. Isso significa que, para eles, a palavra reposiciona-se em relação às concepções tradicionais, passando a ser encarada como um elemento ideológico. Com base nessa concepção, as palavras que escolhemos para dizer algo (nosso projeto de dizer) possuem valor entoativo. As entoações são valores atribuídos e/ou agregados àquilo que é dito pelo locutor (ibid., p. 177). Ele avalia a situação, se posiciona historicamente frente ao seu interlocutor e, ao dar vida à palavra, através da entoação, dialoga diretamente com os valores da sociedade.

Bakhtin trata a palavra em uma perspectiva social. Dessa forma, para o autor, ela está sempre orientada, ou melhor, direcionada a um interlocutor, que não pode ser abstrato, mas real e, portanto, socialmente organizado. A palavra, na concepção dialógica defendida pelo filósofo da linguagem, é sempre histórica, pois incorpora as vozes dos sujeitos que a utilizaram em dada situação e estão utilizando para comunicarem-se (LIMA, 2010, p. 4). Assim:

[...] levando em conta a natureza dialógica da palavra, é possível dizer que, do ponto de vista bakhtiniano, palavra é indissociável do discurso; palavra é discurso. Mas palavra também é história, é ideologia, é luta social, já que ela é a síntese das práticas discursivas historicamente construídas (CEREJA, 2005, p. 204 apud LIMA, 2010, p. 4).

Para Lima (2010, p. 3), Bakhtin considera a ideologia um elemento íntimo da palavra, uma vez que “ela está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico vivencial” (BAKHTIN, 2006, p. 95). Dentro da mesma lógica, pode-se caracterizar não só a palavra, mas também o discurso como um elemento carregado

de conteúdo ideológico, pois convive num espaço/universo real. Ele tem existência a partir das enunciações concretas dos sujeitos.

A palavra está sempre em interação com a realidade viva. Trata-se de afirmar que é por meio dela que a comunicação se estabelece. Bakhtin, 2006, p. 113) classifica-na como “o produto da interação do locutor e do ouvinte”, isso leva a crer na função que ocupa nas relações interpessoais, pois é matéria comum entre o locutor e interlocutor. Como foi ressaltado pelos teóricos, “a palavra é ponte lançada entre mim e os outros” (ibid., p. 113).

Conforme o pensamento bakhtiniano, a palavra caracteriza-se como um elemento carregado de historicidade. Assim, para o seu estudo, deve-se considerar não apenas o aspecto interior e sistemático, mas a exterioridade que a acompanha quando colocada em interação no diálogo vivo, visto que ela tem capacidade de funcionar em diversos contextos e situações socialmente determinadas (LIMA, 2010, p. 4).

Em *Estética da Criação Verbal* (1997), Bakhtin classifica a palavra levando em consideração que, para o sujeito falante, a palavra existirá sob três aspectos: *palavra neutra, palavra alheia e palavra minha*. Para o teórico, “As palavras não são de ninguém, em si mesmas nada valorizam, mas podem abastecer qualquer falante e os juízos de valor mais diversos e diametralmente opostos dos falantes” (1997, p. 290).

A palavra neutra, não pertencente a ninguém, está virtualmente disponível no sistema da língua. No momento em que a palavra entra em contato com as condições reais da comunicação discursiva, ela sai da neutralidade, já que ela passa a significar-se e adquirir juízos de valor conforme a situação real de uso na qual está inserida (BAKHTIN, 1997, p. 290).

A palavra alheia é eco de outros enunciados/discursos, uma vez que as palavras, os discursos estão sempre em relação dialógica com as palavras dos outros (alheias). O discurso do sujeito falante estará sempre em contato com o discurso do outro, com posicionamentos que podem ser iguais ou diferentes dos seus. Contudo, ele pode apropriar-se e transformar as palavras alheias em palavras próprias, o que faz com que a palavra apareça como uma ressignificação advinda de uma situação de comunicação discursiva, de uma intenção discursiva determinada e repleta de expressividade (ibid., p. 290).

Dessa forma, tem-se que a palavra alheia e a palavra minha são expressivas pelo fato de o sujeito colocá-las em contato com a realidade concreta, e portanto viva da comunicação. Elas saem da neutralidade, do convencionalismo e adquirem a peculiaridade própria de todo enunciado: ser um elemento expressivo (ibid., p. 290).

A palavra faz parte do processo de interação estabelecido entre os sujeitos falantes. Por essa razão ela pode ser caracterizada como dialógica. Quando inserida em situações reais de comunicação ela adquire um valor ideológico, ou melhor, ao conectar-se com a realidade viva a palavra revela sua historicidade (LIMA, 2010, p. 7).

Assim, escolhemos as palavras possíveis em um contexto de utilização porque elas já foram experimentadas por outros locutores, em situações semelhantes, comprovando que o gênero é extremamente dinâmico, uma vez que funciona, tanto imediatamente, quanto tem uma historicidade que evolui e se adapta às condições de utilização. Por isso, “a palavra dita, expressa, enunciada, constitui-se como produto ideológico, resultado de um processo de interação na realidade viva. Ela possui características que possibilitam sua utilização em determinado gênero e situação” (STELLA, 2005, p. 178).

No entender de Sobral e Giacomelli (2016), “as palavras, antes de serem assimiladas e usadas por nós, são palavras alheias, palavras dos outros, elas passam a ser como uma sociedade”. Assim, as palavras passam a existir para cada um de nós no diálogo, na interação, e os enunciados conversam inevitavelmente uns com os outros. Isso mostra o que é ser dialógico.

O diálogo é identificado na ação entre interlocutores, diferentes sujeitos sociais que tomam a palavra e a representam, a ressignificam. O discurso nasce do diálogo como uma réplica e, por isso, os diálogos sociais não se repetem de maneira absoluta, mas não são completamente novos. Eles reiteram, no discurso, marcas históricas e sociais, que caracterizam uma dada cultura, uma dada sociedade. Assim, estão constituídos por outros enunciados, com os quais se relacionam, manifestando suas diferentes ideologias. Conforme Bakhtin:

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios ideológicos existentes, tecido pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social (BAKHTIN, 1997, p. 86).

A palavra, como produto ideológico, é marcada por valores de uma época,

sendo, portanto, signo ideológico de uma posição social e histórica. Ela manifesta valores ideológicos contraditórios e tem seu sentido firmado pelo contexto em que ocorre, carregando os valores culturais que expressam as diferenças de opiniões e contradição de ideias numa sociedade. É, por isso, um fenômeno ideológico.

As palavras são o indicador das transformações sociais, uma vez que são sensíveis às transformações na estrutura social e registram as mudanças que ocorrem. Tudo o que é dito resulta de uma formação sócio-ideológica, que é composta pelas experiências de experiências do sujeito, do que ele leu e ouviu, das ideias que compartilhou. Ou seja, ninguém é o dono do seu dizer, porque este está sempre impregnado de tudo o que o forma. Sendo assim,

Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua-orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto, histórico, isso não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que se pode afastar (BAKHTIN, 1997, p. 88).

Essa é, segundo o autor, a orientação dialógica do discurso, pois ele está sempre orientado para o discurso do outro. Quando o locutor enuncia, fala sobre um objeto que já está perpassado por ideias gerais, por apreciações de outros, por entonações valorativas, e o seu discurso vai se entrelaçar com esses discursos outros em interações complexas, vivas e tensas, com as quais se cruza, fundindo-se ou isolando-se. Desse modo, na sua relação com o objeto do dizer, o discurso encontra o já- dito, o conhecido, a opinião pública, etc., fazendo com que a concepção que tenha de seu objeto seja dialógica. Assim, “O discurso vive fora de si mesmo, na sua orientação viva sobre o objeto” (BAKHTIN, 1997, p. 99).

Para o autor, entre linguagens, quaisquer que sejam elas – línguas de diferentes épocas e períodos, linguagem diária, jargões profissionais, dialetos sociais, obras literárias -, há relações dialógicas, porque elas podem ser percebidas como pontos de vista sobre o mundo. E é justamente essa estratificação da linguagem que faz com que a linguagem não seja um meio neutro, mas sim marcada pela intenção do outro, tornando-a diferente e múltipla, lócus no qual os sistemas ideológicos e as abordagens do mundo se contrapõem entre si. Ou seja,

[...] a língua não conserva mais formas e palavras neutras ‘que não pertencem a ninguém’; ela torna-se como que esparsa, penetrada de intenções, totalmente acentuada. Para a consciência que vive nela, a língua não é um sistema abstrato de formas normativas, porém uma opinião plurilíngue concreta sobre o mundo. Todas as palavras evocam uma profissão, um gênero, uma tendência, um partido, uma obra determinada, uma pessoa definida, uma geração, uma idade, um dia, uma hora. Cada

palavra evoca um contexto ou contextos, nos quais ela viveu sua vida socialmente tensa; todas as palavras e formas são povoadas de intenções (BAKHTIN, 1997, p. 100).

Como a linguagem é uma concretude sócio-ideológica e viva, permeada de opinião plurilíngue, Bakhtin afirma que a palavra da língua é uma palavra semi-alheia. Ela só vai se tornar própria quando o locutor a toma e impregna-a com a sua intenção, com o seu acento. Assim, conforme Sobral (2009, p. 33), “o sujeito que fala o faz levando o outro em conta não como parte passiva, mas como parceiro-colaborativo ou hostil-ativo”.

Ainda nesse sentido: “Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico- este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites” (BAKHTIN, 1997, p. 410). Com isso, temos que “nem os sentidos nascidos do diálogo dos séculos passados podem jamais ser estáveis, concluídos, pois sempre irão renovar-se no processo de desenvolvimento subsequente do diálogo”. Desse modo, a palavra não pertence a ninguém, está a serviço de qualquer ser humano e de qualquer juízo de valor. Ela pode assumir qualquer função ideológica, dependendo da maneira em que aparece num enunciado e da carga significativa que recebe a cada momento de seu uso.

O acento de valor (apreciativo, avaliativo) é uma condição de existência para toda a forma de enunciação. Assim, todo enunciado recebe um tratamento avaliativo, pois todo locutor toma, em relação ao outro, uma atitude responsiva acerca de uma realidade específica. A orientação valorativa que constitui o enunciado permite os vários sentidos que podem ser atribuídos a um mesmo segmento linguístico, bem como a reavaliação, o deslocamento de uma palavra determinada de um contexto para outro, o que marca sua apreciação social e evolução histórica.

Os acentos valorativos podem ser observados nos enunciados, através da entonação expressiva como tom irônico, autoritário, demagógico etc.; que aparecem nas diferentes situações e contextos de comunicação discursiva. Por isso, ao enunciar, o locutor atribui valores, possibilidades de sentido ao que diz e aos outros dizeres, posicionando-se ideologicamente em relação ao outro.

Ao escolher o uso de uma determinada palavra, atribui-se um sentido a ela, e é através desse sentido que são transmitidos os valores sociais dos sujeitos. A partir disso, percebe-se a ideologia de um grupo, que dá vida à palavra com sua entoação

e que dialoga com os valores da sociedade, expressando seu ponto de vista em relação a esses valores. Ao enunciar, o locutor não lida com a palavra isolada, nem com a sua significação, mas com o enunciado acabado e com o sentido desse enunciado; assim, a entonação expressiva pertence ao enunciado e não à palavra.

Segundo Bakhtin (2000, p. 310-11), quando se escolhe uma palavra, parte-se das intenções do todo intencional do enunciado, que é construído pelo enunciador de modo sempre expressivo. Desse modo, a palavra não é escolhida de acordo com a sua significação, que, por si só, não é expressiva e pode não corresponder ao objetivo expressivo do todo do enunciado, na relação com as demais palavras que dele fazem parte. Na criação de um enunciado, o “lampejo de expressividade” se dá no encontro da significação neutra das palavras (a significação linguística) com a realidade efetiva nas condições reais de uma comunicação verbal.

Por outro lado, o autor adverte que a escolha da palavra não é feita no sistema da língua, em uma neutralidade lexicográfica, pois, na realidade, ela é tirada de outros enunciados individuais, dos quais pode ter preservado o tom e a ressonância. Ou seja, as significações das palavras da língua, que garantem que todos possam usá-las e compreendê-las, fazem com que elas não sejam de ninguém, mas, ao mesmo tempo, são utilizadas na comunicação verbal ativa marcada pela individualidade e pelo contexto. Portanto,

Pode-se colocar que a palavra existe para o locutor sob três aspectos: como *palavra neutra* da língua e que não pertence a ninguém; como *palavra do outro* pertencente aos outros e que preenche o eco dos enunciados alheios; e, finalmente, como *palavra minha*, pois na medida em que uso essa palavra numa determinada situação, com uma intenção discursiva, ela já se impregnou de minha expressividade (BAKHTIN, 2000, p. 313).

No que se refere à expressividade do enunciado, esta é determinada não só pelo teor do objeto no discurso do locutor, como também pelos enunciados dos outros, aos quais o sujeito responde e com os quais polemiza. Esses enunciados-outros determinam a escolha de expressões mais ou menos contundentes, o tom provocante ou conciliatório, etc. Portanto,

A expressividade de um enunciado nunca pode ser compreendida e explicada até o fim se se levar em conta somente o teor do objeto do sentido. A expressividade de um enunciado é sempre, em menor ou maior grau, uma resposta, em outras palavras: manifesta não só sua própria relação com o objeto do enunciado, mas também a relação do locutor com os enunciados dos outros (BAKHTIN, 2000, p. 317).

A expressividade, então, não pertence à palavra, pois nasce do contato desta com a situação real, atualizada por meio do enunciado individual, como juízo de

valor de um locutor individual, apresentado como enunciados que tomam forma e evoluem sob o efeito da interação contínua e permanente com os enunciados individuais do outro. O autor define esse processo como uma assimilação mais ou menos criativa das palavras dos outros e não das palavras da língua. Assim, os enunciados estão repletos de palavras dos outros, que carregam sua própria expressividade- seu tom valorativo- que pode ser assimilada, reestruturada ou modificada pelo locutor ao tomá-las como suas.

3 Interação na Internet (corpus e metodologia de análise)

Neste capítulo, busca-se discorrer, por meio da teoria disponível sobre o campo de interação verbal mediada pelo computador, sobre como acontece essa interação no contexto das relações dialógicas no meio digital, como os blogs e páginas da internet. Acredita-se que tal apanhado teórico dá maior alicerce às escolhas metodológicas de análise, bem como auxilia na definição do corpus dessa pesquisa.

A internet se expandiu por todos os continentes e corroborou na proximidade entre as pessoas, facilitando a interação discursiva através de novos suportes. Novas formas de diálogo surgiram com ainda mais força através das chamadas redes de relacionamento, em que usuários se cadastram para compartilhar ideias, estabelecer conversas e trocar informações com qualquer pessoa que faça parte deste grupo, também conectada à grande rede. Santos esclarece que, através do uso da linguagem em seu cenário mais corriqueiro, como os diálogos do dia a dia, é possível descrever e, conseqüentemente, explicar, as competências usadas e das quais os falantes participam na interação socialmente organizada (SANTOS, 2012, p. 76). Sobre isso, afirma Recuero:

Esses fenômenos representam aquilo que está mudando profundamente as formas de organização, identidade, conversação e mobilização social: o advento da Comunicação Mediada pelo Computador. Essa comunicação, mais do que permitir aos indivíduos comunicar-se, amplificou a capacidade de conexão, permitindo que redes fossem criadas e expressas nesses espaços: as redes sociais mediadas pelo computador (RECUERO, 2009, p. 16).

As interações humanas passam, nas últimas décadas, pela influência cotidiana de tecnologias digitais que possibilitam as interações mediadas – sem coincidência espacial/temporal – se aproximarem das interações face-a-face, ao permitirem que os seres humanos conversem sociavelmente a distância (CONSONI, 2010, p. 19). Para Thompson (1998, p. 80), “interação mediada é aquela onde a presença física dos envolvidos é suprimida ou parcialmente suprimida, criando contextos comunicativos diversos para os envolvidos no processo”.

Consoni elucida que “a forma como os homens se relacionam possui importante papel na compreensão de suas conversas, pois é através das interações entre os seres humanos que as relações sociais se estabelecem”. E a interação

determinará como os homens se relacionam. Cada homem tem uma forma de interagir com o mundo e consigo mesmo. No entanto, os relacionamentos constroem-se quando ele interage com os outros (CONSONI, 2010, p. 20).

Ele ressalta ainda que, após a inserção das tecnologias digitais de comunicação no cotidiano social, o estar junto não pode ser mais visto exclusivamente nas interações presenciais. Precisa-se pensar esse aspecto no momento em que aplicativos web disponibilizam espaços que permitem às pessoas se encontrarem em ambientes virtuais, como os espaços de comentários, por exemplo. No entanto, esse aspecto temporal ainda é relevante para o estabelecimento de uma conversa. As formas como interagimos determinam como nos relacionamos com os outros. Assim, deve-se considerar que essas relações agora também ocorrem de forma mediada (CONSONI, 2010, p. 24).

Segundo o autor, “como na interação mediada por computador os atores não estão co-presentes, há uma separação dos contextos, em que há a disponibilidade estendida no tempo e no espaço” (p. 31). Corroborando Thompson (1998), tem-se que essa forma de interação possui as possibilidades de deixas simbólicas limitadas, já que os interlocutores não se vêem, sendo considerada dialógica por esse teórico - uma vez que, para sua realização, há a necessidade de se manter a comunicação fluente entre as partes para manter-se o diálogo. Assim:

Se, por exemplo, a pessoa com quem se fala deixa de manifestar sinais indicativos de que está acompanhando o que se está dizendo (a falta de um sinal dos olhos, a ausência de um afirmativo “sim” ou “um-hum”, etc.), é sinal de que se deve interromper a narrativa e investigar explicitamente. (“Está me ouvindo?”) para provocar uma resposta, ou de alguma outra forma subentendida se certificar de que o outro está atento, sem deixar transparecer a dúvida. Na medida que a interação mediada (como uma conversa telefônica) é dialógica, ela também implica a monitorização reflexiva das respostas alheias, embora as deixas e mecanismos simbólicos acessíveis aos participantes sejam geralmente mais restritos do que na interação face-a-face. (Indicações verbais, como “sim” e “um-hum”, são muito importantes em conversas telefônicas, precisamente por causa da ausência de deixas visuais (THOMPSON, 1998, p. 89).

Observa-se, assim, o aspecto do caráter dialógico nas interações mediadas nas novas mídias. Consoni (2010, p. 33) apóia-se em Braga (2008, p. 43) quando assevera que “a comunicação humana não é um processo de mão única, sendo a Internet um meio interativo que possibilita comunicação e feedback, permitindo trocas de mensagens”. Para Recuero, “a dinâmica de interação nos ciberespaços se dá de forma que esse espaço é percebido pelos usuários como um Outro, um indivíduo, e associam a ele toda uma determinada carga de interação” (2006, p. 65).

3.1 Blog e página do Facebook como espaço de interação

A necessidade de publicar conteúdo, manifestar opiniões, relacionar-se e interagir é cada vez mais presente na rede. Isso mostra o quanto conversar é importante para o internauta. Assim, Consoni define os blogs como importantes meios de comunicação na sociedade, nos quais o internauta pode manifestar livremente suas opiniões, bem como completar, por meio dos comentários, o conteúdo que é veiculado no blog, pois passam a fazer parte desse ambiente (CONSONI, p. 12).

Esses meios de interagir transformaram os sites pessoais em meios de comunicação, pois agora os internautas compartilham conteúdo e comunicam-se através de ferramentas que facilitam interação mediada por computador, como é o caso dos espaços de comentários. Amaral et al. (2009, p. 37) compreende os blogs como “ferramentas de comunicação e, conseqüentemente, de interação social”. Eles ocupam na contemporaneidade um importante espaço na sociedade como meios que possibilitam ao internauta contribuir com o conteúdo que é consumido na rede (ibid., p. 38).

Para Consoni, os blogs foram vistos por muitos, desde o seu surgimento, como meios democráticos e sociais, e, mais do que oferecer o poder da comunicação instantânea, são atualizados sempre que seus autores desejarem e, quando acessados, apresentam a última postagem ao visitante. Uma das características dos blogs de maior consenso é que os posts¹ - termo em inglês para a unidade de um artigo publicado no blog- são normalmente publicados em ordem cronológica reversa. Geralmente, cada post possui data, hora, título e texto. A frequência de postagens dependerá do autor do blog e não há limite para que ele publique (2010, p. 45).

Lemos (2009, p. vii) avalia que os blogs são, junto com os games, os chats e os softwares sociais, “um dos fenômenos mais populares da ciber-cultura”. Eles constituem, hoje, uma realidade em muitas áreas, criando sinergias e reconfigurações na indústria cultural, na política, no entretenimento, nas redes de sociabilidade, nas artes.

Esses “meios democráticos e sociais” (CONSONI, 2010, p. 45) são criados para os mais diversos fins, refletindo um desejo reprimido pela cultura de massa: o

¹ Conferir CONSONI (2010, p. 43).

de ser ator na emissão, na produção de conteúdo e na partilha de experiências (LEMOS, 2009, p. vii). Para Lemos, as questões de censura, ativismo e política estão diretamente relacionadas aos blogs, uma vez que “dar voz a todos, permitir o compartilhamento e a troca de informações são poderosas ferramentas políticas de transformação da vida social” (ibid., p. 13).

A partir do ano 2000, com a expansão da internet e o aumento do uso dos sites de redes sociais, as organizações noticiosas começaram a utilizar esses espaços, que têm se constituído na “alma do jornalismo na internet” (LARA, 2008, s.p apud SOUSA, 2015, P. 201). Os veículos começaram a investir na produção de conteúdos com uma linguagem que utilizasse todas as potencialidades da nova mídia. É ainda durante esse período que os sites de redes sociais na internet passaram a ser usados nos processos de produção e de circulação de notícias (SOUSA, 2015, p. 201-203).

O Facebook começou a ser apropriado pelo jornalismo entre o final de 2010 e o início de 2011. Quando as notícias passam a circular em redes sociais como essa, por exemplo, elas também passam a ter uma dinâmica própria, uma vez que, na internet, os usuários também podem atuar como produtores, filtros indicadores e reverberadores de informação, potencializando o alcance do texto noticioso. Esses usuários podem adaptar e reconfigurar a notícia conforme os seus interesses, fazendo-na circular e recircular² por vários perfis de uma mesma rede social, podendo ser adaptada de acordo com as características de cada um desses espaços e dos novos acontecimentos envolvendo o mesmo fato, bem como pode ser comentada, replicada e reconfigurada por vários atores (SOUSA, 2015, p. 200).

Percebe-se, a partir disso, que não é mais suficiente apenas oferecer informação. Para a autora, é preciso fornecer espaços de comunicação e socialização às audiências (ibid., p. 201). O fato de o Facebook ser uma das redes sociais mais utilizadas em todo o mundo para interagir socialmente deve-se à interação, que surge, essencialmente, pelos comentários a perfis, pela participação em grupos de discussão ou pelo uso de aplicações e jogos. É um espaço de encontro, partilha e discussão de idéias (COELHO E COSTA 2015, p. 12).

² Ato de comentar e replicar informações nas redes, que ocorre após o consumo, quando o usuário utiliza espaços sociais diversos da internet (como sites de relacionamento, blogs, microblogs e dentre outros), contribuindo para divulgar o link para a notícia, recontar com suas palavras o acontecimento ou manifestar sua opinião sobre o ocorrido. Cf. Zago (2011).

Para Coelho e Costa, as potencialidades dessa rede social não se encontram apenas em seu formato digital, mas também em suas estratégias discursivas e dialógicas, que não estão na superfície do texto verbo-visual, mas na matéria implícita que permeia e constitui a sua tessitura textual (ibid., p. 11-12).

O Facebook como site para formação de redes sociais tem atraído tanto indivíduos quanto instituições, como veículos de comunicação, que veem nessa entrada uma oportunidade de maior interação, a partir do momento em que a audiência pode produzir comentários sobre o conteúdo veiculado. Experiências de participação e interação em ambiente digital têm sido fatores estimulantes ao desenvolvimento de debate público (MITOZO; MASSUCHIN; CARVALHO, 2015, p.1).

Sabe-se que a comunicação online possui características que a diferenciam daquela mediada pelos meios de comunicação de massa em suportes tradicionais. A interatividade e a possibilidade de debate entre os webleitores é uma delas. Ao ingressar nas páginas de periódicos no Facebook, por exemplo, é possível travar discussões momentâneas com outros internautas sobre temas de interesse público, principalmente político-eleitorais (ibid., p. 4). Para os autores, há a transposição do ambiente de debate para as páginas de redes sociais como o Facebook, em que se costumam desenvolver conversações cotidianas (ibid., p. 7).

Observa-se, assim, que ao utilizar as redes sociais para distribuir suas notícias, os jornais não apenas proveem acesso aos seus conteúdos como também possibilitam que usuários possam contribuir para repercutir essa notícia, seja através de reprodução e recirculação do conteúdo, seja através de comentários sobre os acontecimentos (ZAGO; BASTOS, 2013, p. 118).

Assim, dada a variedade de gêneros discursivos nesses espaços, com notícias publicadas quase que instantaneamente, no decorrer das horas do dia, à luz das concepções bakhtinianas, é possível perceber as estratégias discursivas mobilizadas por autores e leitores que, juntos, em interação com o enunciado, redimensionam e complementam o discurso (OLIVEIRA; TORGA, 2013, p. 131).

Nota-se, então, que a interação entre os leitores é bastante recorrente nos espaços de blogs e páginas de notícia. É lá que se obtém, muitas vezes, o registro de respostas sem compromisso ou apenas algumas observações desdenhosas, mas também é onde se encontram respostas e/ou comentários comprometidos com a veracidade das informações e da formação de opinião acerca da notícia veiculada.

Nesse espaço virtual pode-se observar a intencionalidade de dialogar com o autor e com os outros possíveis leitores (OLIVEIRA; TORGA, 2013, p 130).

3.2 Post e comentários: definindo o corpus

Na esfera da internet, nas redes sociais, a interação que acontece nos comentários em páginas e blogs, por exemplo, demonstra que cada esfera da atividade humana tem as suas formas típicas de usar a linguagem, mas elas nada mais são do que elos que se articulam para produzir e fazer circular discursos que mostram os juízos de valor que os sujeitos fazem sobre a realidade. Assim, essas valorações nunca são individuais, pois dependem da relação com o interlocutor e com os discursos outros aos quais se filia, em concordância, discordância, rearranjo, ressignificação, etc. Froehlich (2016, p. 136) defende que a interface de comentários na Web:

é um espaço que permite visualizar, ao longo de determinado tempo, a circulação de discursos de diversas ordens, analisando as relações enunciativas ali criadas “a partir da noção de diálogo como entendida pela Análise Dialógica do Discurso (ADD), mostrando algumas maneiras pelas quais os enunciados de comentários replicam uns aos outros e as condições estabelecidas para esse diálogo.

Os blogs, e seus espaços de comentários, apresentam manifestações da sociedade que não possuíam espaço na mídia tradicional até a década de 1990. Eles transformaram as formas de interação, facilitando as práticas interativas, as quais permitiram que conteúdos ganhassem posição na mídia ao possibilitar que conteúdos marginais fossem acessados a partir de qualquer navegador, como também abrissem locais de discussão pública através dos comentários, onde o internauta interage com o autor do blog e também com outros comentaristas (CONSONI, 2010, p. 11).

Nos comentários dos blogs há a possibilidade de interações entre os leitores, pois os comentaristas podem efetuar trocas de mensagens entre eles. Os comentários feitos também podem adicionar informações novas à primeira informação disponibilizada. Pois, ao se acessar um conteúdo publicado, têm-se mais do que a informação produzida pelo autor, mas o conteúdo anexo a partir das informações dos comentários, ao se considerar o espaço que envolve a informação inicial (CONSONI, 2010, p. 15). Nesse sentido, o autor recorre ao que diz Surowiecki (2004, p. 31):

Os blogs possuem espaços para comentários em que o internauta tem a chance de interagir com o autor das postagens. Os comentaristas podem concordar ou discordar do autor, apontar erros, clarear ideias, discutir o

tema e até postar em seu próprio blog a respeito daquele texto apontando com um link. O espaço de comentários pode servir de “mecanismo para transformar avaliações pessoais em uma decisão coletiva”.

Em relação a isso, para o maior entendimento no que tange os comentários, que compõem o campo das interações verbais mediadas por meios digitais, apoiamo-nos no que assevera Amaral et al. (2009, p. 37) sobre blog: “são ferramentas de publicação que possuem também um impacto social, auxiliando na construção de estruturas sociais por meio das trocas de comentários”.

Como vimos, os meios digitais, tais como blogs e páginas da internet, propiciam a interação verbal organizada em torno do diálogo entre interlocutores e entre discursos, tal como se estabelecem as relações dialógicas. Froehlich (2016), em estudo sobre comentários na web, tendo os *blogs* como objeto, também identifica a proximidade dos comentários com os diálogos do cotidiano, sobretudo no que se refere ao estilo verbal, destacando a condição dialógica da linguagem no exame da endereçabilidade dos comentários. Para a autora, a interação nos *blogs* possibilita que os internautas deixem comentários sobre o conteúdo postado, incrementando as interações ocorridas no espaço virtual. Desse modo, “a interface de comentários mostra-se como um espaço que permite visualizar, ao longo de determinado tempo, a circulação de discursos de diversas ordens” (ibid., p. 73-74).

Conforme Froehlich, quando se relaciona a noção de diálogo aos comentários, é preciso ressaltar que estes se configuram como réplicas, isto é, nascem como resposta a um enunciado anterior, o *post*, outro comentário, e, desse enunciado, advêm o(s) tópico(s) que será(ão) desenvolvido(s) dependendo do objetivo do locutor comentarista - o seu projeto de dizer. Assim, o conteúdo de cada comentário pode abrigar uma diversidade de projetos enunciativos, concretizados através de diferentes modos de endereçabilidade e entonações e, sendo o comentário uma réplica, é sempre dirigido a alguém, mesmo que não explicitamente, como nos casos em que o interlocutor não é mencionado no texto (ibid., p. 73-74).

Portanto, conclui a autora, que a endereçabilidade é importante, já que, na visão bakhtiniana, o outro, o destinatário é uma instância interior ao enunciado, participando não apenas na etapa de interpretação - enquanto destinatário real - mas interferindo nas escolhas - lexicais, de tópicos- que o enunciado realiza para se antecipar à atitude responsiva do interlocutor. Eis daí o nosso segundo ponto de recorte no corpus, pois selecionamos apenas os *posts* com o uso das palavras

“discriminação/preconceito” e “confortável”, as primeiras porque usadas em comentários- resposta ao *post* primeiro, no qual consta a segunda (ibid., p. 73-74).

Para a elaboração do corpus de pesquisa, levaram-se em consideração os objetivos específicos da investigação feita por esta pesquisadora, constituindo-se, assim, uma etapa importante na realização deste trabalho. Segundo Bauer e Aarts, a construção do corpus significa “escolha sistemática de algum racional alternativo”, ou seja, o corpus “é um recorte arbitrário de elementos que o pesquisador define para que, ao aplicar sobre eles uma metodologia, possa atingir o objetivo” (1997, p. 41).

O corpus desta pesquisa compõe-se do material coletado em *posts* de duas páginas da internet, o *blog* “O Reacionário” e a página “Pragmatismo Político”, do Facebook, onde se encontrou um número significativo de *posts* comentários sobre o caso já explicado na Introdução deste trabalho, totalizando 120, e sendo, desses, selecionados 10 para a análise. Esse recorte foi feito considerando o caráter repetitivo com que as palavras selecionadas pelas pessoas nos comentários sobre a polêmica aparecem nos *posts*.

A fim de atender aos objetivos estabelecidos para esta investigação, o processo de seleção do corpus de análise constituiu-se de três etapas de suma importância: a leitura atenta, a seleção e a posterior análise dos comentários.

3.3 A análise dialógica do discurso: base metodológica

Para a análise metodológica do corpus foram utilizados os *posts* em que as palavras “discriminação/preconceito” e “confortável” aparecem, fazendo-se uma análise dialógica da relação que elas mantêm com as demais palavras do discurso e que lhe ajudam a construir os sentidos. Levou-se em consideração, para isso, as etapas da análise do discurso no âmbito da proposta do dialogismo bakhtiniano.

Para a análise da valoração das palavras, recolhemos *posts* sobre o caso já citado, tendo como recorte inicial a interação verbal organizada em torno do diálogo entre interlocutores e entre discursos, tal como se estabelecem as relações dialógicas, dispondo-se da internet como *locus*. Partimos do comentário do presidente do Simers e de algumas das considerações feitas ao seu enunciado, que se configuram como enunciados-resposta, no que consideramos um simulacro de uma discussão não virtual.

Usamos duas fontes da *internet*. Trata-se de *páginas*³ de grande acesso por usuários de diferentes posições políticas, o que gera grande número de comentários. Nosso objetivo, para este trabalho específico, é apresentar uma discussão sobre os efeitos de sentido nos enunciados selecionados, quanto ao seu acento expressivo em postagens no *blog* “O reacionário”, partindo-se do pressuposto de que estes são respostas a uma postagem contendo a declaração do presidente do Simers sobre o caso, retirada da página do *facebook* “Pragmatismo político”, em que é reproduzida a entrevista publicada no jornal Diário Gaúcho, sendo que o recorte apresentado no *blog* diz respeito à resposta à primeira questão, na qual ele utiliza a palavra “confortável” para justificar a atitude da médica, recorrendo, para isso, ao código de ética.

Essas palavras foram escolhidas porque, a nosso ver, expressam a forma como os sujeitos se posicionam, na atribuição de sentido a elas, manifestando seu acento valorativo perante o caso a partir da alteridade, configurando dois grupos com diferentes posições: aqueles que concordam com a recusa no atendimento e aqueles que discordam. Assim, mesmo que os enunciadores sejam marcados pela diversidade de experiências individuais, pelas contradições e confrontos de valorações e interesses sociais dos seus indivíduos, identificam-se pela relação binária (a favor/contra) revelada na expressividade frente ao caso e em relação aos outros discursos com os quais dialoga, seja como réplica, ou como recorrência ao já-dito.

Foram analisados os enunciados em que as palavras em questão estão inseridas, fazendo-se uma análise da relação que elas mantêm com as demais palavras do discurso e que lhes dão suporte. Conforme Bakhtin (Voloshinov), como o sentido é orientado pelo contexto, o locutor organiza seu enunciado em função de suas necessidades enunciativas concretas. E, ao fazer isso, utiliza-se da forma linguística no todo que é a enunciação, condicionando a sua compreensão ao seu sentido particular. Dessa forma, a palavra sempre se apresenta no contexto de enunciações precisas, em um contexto concreto, implicando sempre em um contexto ideológico também preciso, o que possibilita apreendermos a orientação conferida a ela em cada enunciado selecionado.

³Disponíveis, respectivamente, em: <<https://www.facebook.com/PragmatismoPolitico/?fref=ts>> e <<http://blogreaca.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

Isso permite mostrar a atribuição de sentido que as pessoas do grupo dão às palavras que escolheram para manifestar sua opinião, uma vez que, se o sentido muda com o contexto, podemos verificar a mudança do acento valorativo dado a ela. Ou seja, atentamos para o elemento expressivo do enunciado, que leva a escolha dos recursos lexicais para dar conta da relação valorativa do falante, tanto em relação com o seu enunciado, quanto com os enunciados outros que mobiliza na interação estabelecida na rede social.

Para esta análise, apoiamo-nos no que postula Sobral (2014) sobre as etapas da análise discursiva propostas por Brait. As etapas ou níveis de análise formam a sequência descrição- análise- interpretação. Para o autor, essa sequência constitui um conjunto de parâmetros para o melhor aproveitamento dos instrumentos de análise, nos termos daquilo que o objeto a ser analisado requer. Parte-se do objeto e busca-se seguir uma sequência lógica de análise que vai da materialidade do texto à discursividade e à genericidade e a ele retorna, com os novos elementos arrolados, reunindo, na etapa da interpretação, elementos textuais e elementos da ordem do discurso e do gênero em sua inserção social e histórica (SOBRAL, 2014, p. 29).

A descrição é o primeiro contato com o fenômeno estudado, apresenta o corpus a partir de sua inserção geral na esfera de atividades. Baseia-se em questões a partir das quais se examina o corpus em termos da esfera de produção, circulação e recepção da enunciação/enunciado concreto (ibid., p. 32).

A análise discursiva do corpus examina a estruturação do discurso. Trata-se de examinar a “unidade arquitetônica” dos componentes, o que envolve descobrir igualmente possíveis subtemas do tema global identificado, a partir de questões como: que elementos textuais sustentam a resposta à pergunta anterior? Trata-se de fundamentar o levantamento dos procedimentos discursivos por meio das formas da língua (verbal, visual) que são mobilizadas (ibid., p. 32).

A interpretação reúne as duas anteriores ao integrar estratégias de produção de sentido e os sentidos produzidos nos termos da esfera de atividades e da análise do texto. Nessa etapa, a partir de todos os dados reunidos e dos conceitos mobilizados, chegamos à definição da especificidade do objeto (o aspecto da variação), e de sua pertinência a um dado universo (o aspecto da estabilidade relativa) mostrando se o objeto segue ou não, e em quê, as *regras* de sua classe de objetos, suas similaridades com objetos conexos, suas invariâncias e variâncias com relação ao arquivo de objetos arrolado etc (ibid., p. 32).

Como já mencionado, este trabalho propõe o estudo da acentuação valorativa das palavras “discriminação/preconceito” e “confortável”, utilizadas por grupos de pessoas com posições políticas e ideológicas diferentes, em comentários que justificam o seu posicionamento frente à polêmica criada pela recusa de atendimento médico, devido à divergência política, por meio da análise do discurso, sob a perspectiva bakhtiniana.

Buscou-se aprofundar o estudo através da análise qualitativa do uso discursivo das palavras “discriminação/preconceito” e “confortável”, por meio de um estudo de caso utilizando postagens em sites da internet, contendo comentários sobre a atitude da médica que recusou continuar o tratamento de uma criança, por motivos de discordância partidária com a mãe dessa criança.

4 Análise da palavra no contexto das relações dialógicas no meio digital

Para ilustrar a atribuição de sentido que as pessoas dão às palavras escolhidas para manifestar sua opinião, essas foram analisadas a partir da consideração de seu acento valorativo, tal como concebido por Bakhtin. Acreditamos que essa análise mostra a atribuição de sentido que as pessoas do grupo associam às palavras que escolhem para manifestar sua opinião sobre o caso, sendo permitido, assim, o estudo do uso do discurso.

O primeiro *post* que apresentamos é a resposta à pergunta *Como que o sindicato vê a atitude da médica?*, feita pelo jornal Diário Gaúcho ao presidente do Simers, que faz parte da publicação da página Pragmatismo Político e que foi reproduzida pelo blog O reacionário.

- Como que o sindicato vê a atitude da médica?
- É absolutamente ética. O código de ética médico tem um artigo que estabelece como deve se dar a relação entre médico e paciente. Tem coisas muito claras. Por exemplo, se é uma urgência ou se tu és o único médico da cidade, tu atendes e ponto. Não tem condicionais, é a tua obrigação. Tu não és o único médico da cidade e o paciente tem a possibilidade de escolher outros profissionais, daí tu tens que ser honesto, tem que ser leal com o teu paciente. Se tem alguma coisa que te incomoda e que tu achas que vai prejudicar a tua relação com o teu paciente, se tu não vais se sentir confortável, se não vai ser prazeroso para ti atender aquela pessoa, tu debes dizer para ela francamente: olha, prefiro que tu procures um colega. (...)

Figura 1 – post 1: resposta do presidente do Simers
Fonte: Blog O Reacionário

A resposta do presidente do Simers coloca a palavra, a qual se quer destacar nesta análise, – “confortável” – como justificativa aceitável para a recusa ao atendimento. Esse adjetivo, segundo o dicionário Houaiss (2009), relaciona-se a “conforto físico, bem-estar, segurança, livre de problemas, praticável, cômodo, livre de tensão ou estresse, tranquilo, possível, exequível, realizável”. No enunciado do médico, a palavra relaciona-se com “não se sentir confortável”, “incomodar”, “prejudicar”, “não ser prazeroso”. Em se tratando de uma consulta, não é possível pensar em muitas dessas palavras como adequadas ao contexto. Não é usual referir-se a uma consulta como “consulta confortável”, “consulta cômoda”, consulta favorecida”. Desse modo, transferem-se tais palavras não à relação do médico com a paciente, uma criança, mas à da médica com a mãe da paciente, ambas com

visões políticas distintas. Isso já demonstra que a atitude da médica não pode ser qualificada como “absolutamente ética” segundo o código de Ética, o qual tem “coisas muito claras”. Trata-se de uma acentuação valorativa em que o presidente de um conselho médico faz uso de palavras muito marcadas (“absolutamente”, “claras”) para corroborar o posicionamento da médica, seja por uma ideologia de classe, seja por ideologia política.

Observe-se que há um destaque sobre em que situações a médica deveria atender o paciente, mesmo lhe sendo desconfortável – ser o único médico da cidade ou haver risco de vida. Nesses casos, o profissional poderia ser “honesto” ou “leal” com o paciente e não atendê-lo. Na situação descrita, como há vários médicos na cidade, ele pode optar pelo não atendimento por não se sentir confortável. Ou seja, das significações que o dicionário elenca, citadas acima, somente podemos pensar que “não se sentir confortável” relaciona-se ao fato de que, por questões políticas, a médica não se sentiria bem fisicamente ou livre de problemas ou de estresse.

O que se deduz, portanto, é que as palavras recobrem-se de um elemento subjetivo, que rompe com a objetividade (e, conseqüentemente, com a neutralidade) da palavra no dicionário para dar conta da relação valorativa que o locutor estabelece, a partir de seu enunciado, com o caso em questão e com o outro enunciado com o qual dialoga, o do conselho de ética.

Os demais *posts*, de número 2 a 10, reproduzidos a seguir, são comentários-resposta a esse primeiro post. Ou seja, consideramos que, a partir da resposta do presidente pelo *blog*, estabelece-se um diálogo entre os leitores, que demonstra as atitudes responsivas que caracterizam os enunciados concretos. Escolhemos aqueles que se opõem à justificativa do não atendimento ao fato de a médica não se sentir “confortável”, usando, como contraponto, as palavras “preconceito” (e similares) e “discriminação”. Vejamos, rapidamente, um a um.

É uma vergonha absurda a completamente INQUESTIONÁVEL dessa médica, que fez algo preconceituoso, ridiculamente elitista e o pior de tudo, extremamente BURRO. O Brasil por estar formando médicos tão ignorantes e sem nenhum conhecimento cultural, nenhum carisma, nenhuma empatia e sem entender a responsabilidade dessa profissão criou médicas como essa que não entende que o PT é apenas um partido político! Com seus militantes, com gente que vota neles assim como os outros, e ideologia NUNCA deve ser usada para tais fins em um país democrático. Colocaram na mente completamente NULA desses médicos que os “coitadinhos” estão sendo escravos mesmo tendo o salário médio mais alto do Brasil. São pessoas assim que cravam de vez a luta de classes no Brasil, e são pessoas assim que no período nazista estariam começando atrocidades em nome da “ética” e “conduta” escrita em seus contratos. VERGONHA absoluta dessa galera, que ainda vai colher os lucros de tanta ignorância com um preconceito MASSIVO do povo contra a classe médica inteira, por causa de atitudes assim.

Figura 2 – comentário 1
Fonte: Blog O Reacionário

O *post 2*, como uma réplica ao diálogo estabelecido com o dizer do presidente do Simers, coloca em questão a posição do locutor não apenas como uma atitude responsiva ao enunciado ao qual se constitui uma resposta, mas toda uma valoração sobre a atitude da médica e também sobre a própria profissão. Vemos, no entanto, que a expressividade do enunciado está centrada na questão do preconceito da atitude da profissional, que o locutor relaciona a toda uma classe que julga como tendo atitudes elitista, burra – esta fortemente explicitada, uma vez que escrita em caixa alta - e ignorante. São profissionais sem conhecimento cultural, de mente nula – também em caixa alta -, enfim, ignorantes que usam de conceitos como “ética” e “conduta”, descritos nos códigos como justificativa para “atrocidades”. Estabelece, então, uma relação dialógica com o dizer do presidente, com o enunciado representado pelo código de conduta da profissão e também com os discursos de lugar comum, que circulam sobre a classe médica atual qualificada como sem carisma, empatia ou conhecedora da responsabilidade que a profissão exige. É um processo de assimilação das palavras dos outros, que o locutor coloca em relação no seu enunciado, com o intuito discursivo de mobilizar as palavras necessárias para atestar seu juízo de valor sobre a classe médica e, conseqüentemente, sobre o episódio e sobre a justificativa dada pelo presidente do sindicato.

Médica particular recusar atendimento a petista é algo correto? Isso não se configura em preconceito, discriminação? Se eu recusar a vender uma sandwiche a petista estaria eu, correto? E o direito do consumidor??? “Petistafobia”??

Figura 3 - comentário 2
Fonte: Blog O Reacionário

O *post* 3 é uma réplica clara ao *post* inicial, tanto que começa com uma indagação à respeito da correção da atitude da médica, lá colocado como “ético”. Assim, a palavra “correto” para se referir à recusa do atendimento expressa a posição do locutor, que ele ratifica ao usar as palavras “preconceito/discriminação” relacionadas ao neologismo, “petistafobia” e, posteriormente, ao “direito do consumidor”. No primeiro caso, sabemos que fobia se refere ou a “medo exagerado” ou à “falta de tolerância ou aversão”. É preciso, então, depreender o sentido dessa palavra a partir de suas significações que, no uso concreto da interação verbal, refere-se à aversão, o que remete ao intuito enunciativo do locutor em referir-se ao caso como preconceito ou discriminação. Isso demonstra que a escolha das palavras que compõe o enunciado leva em consideração o seu todo e que essa escolha revela a posição do locutor frente ao seu objeto de dizer, a sua expressividade. Por outro lado, também temos a relação com a questão do “direito do consumidor”, ou seja, também, aqui, a relação se faz com ter direitos, não ser segregado, discriminado. Apela-se à igualdade, inserindo-se o enunciado em uma cadeia de enunciados que defendem o tratamento igual a todos. Vê-se, portanto, que a alteridade manifesta-se de forma implícita, de modo que o já- dito produz sentido na referência que se faz a um discurso que circula antes (e certamente depois) desse enunciado.

Se não estiver confortável é melhor negar mesmo. Mas acho absurdo o ponto em que chegamos. Vejo muita gente com enorme **preconceito** ao atender presidiários. Eu mesmo atendo e não vejo problema. No momento da consulta, a única diferença é a presença de um policial de escolta.

Agora ela se sentir tão desconfortável por uma opinião política divergente é extremismo demais. Demonstra uma extrema intolerância que estamos vivendo. Deveríamos, como seres racionais (e ainda formados para promover saúde a outrem), no mínimo separar o que é pertinente à consulta e o que não é. Inúmeras vezes pacientes foram desrespeitosos comigo, porém estavam em momentos de fragilidade e, portanto, eu desconsidereis tais atitudes.

Penso que, principalmente nós, de uma classe considerada “superior” pelos que estão de fora (e por muitos de dentro também) deve ser superior a **preconceitos** e intolerância. Não ao ódio!

Figura 4 - comentário 3
Fonte: Blog O Reacionário

O *post* 4 retoma a palavra “confortável” usada na primeira postagem e com a qual estabelece uma relação dialógica marcada pela concordância. Vemos, então, que a alteridade se apresenta explicitamente, em uma réplica marcada pela palavra do outro. No entanto, há, no todo do enunciado, uma crítica a esse sentido com que o locutor parece de acordo. Percebemos que seu autor é médico e faz uso da palavra preconceito da mesma forma que vimos no comentário 2, ou seja, como uma forma de segregação de um grupo, aqui citando presidiários. Seu juízo de valor sobre o caso, porém, não é de concordância como parecia inicialmente, pois o elemento valorativo do enunciado, quando o consideramos como um todo no qual deve estar expresso o intuito discursivo do autor, leva-nos a observar que ele se refere à recusa como “extremismo” e “intolerância”. Ele insiste ainda na discordância com a palavra “confortável”, usando seu antônimo “desconfortável”, valorando-a como algo não racional. O que vemos aqui é uma relação dialógica que se estabelece a partir do discurso do outro, parceiro da interação verbal que se estabelece entre dois sujeitos que uma situação de comunicação usual em redes sociais. Seu parceiro direto é o sujeito do primeiro *post*, ainda que a resposta se dirija a todos os leitores dos comentários do *blog*.

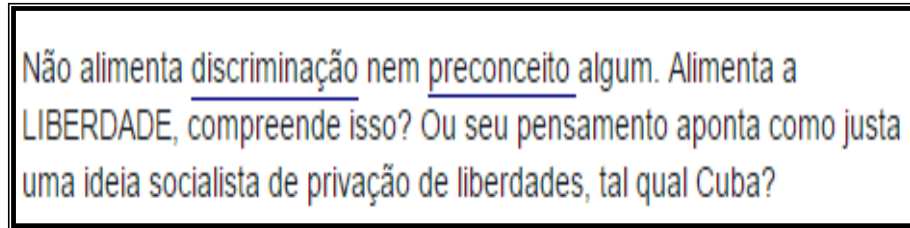
Por outro lado, há também outra relação com a alteridade no uso de um discurso outro, de um já dito, com o qual ele dialoga em seu enunciado. Na parte em que o autor coloca a classe médica como sendo “considerada ‘superior’”, vemos que o uso das aspas na palavra “superior” mostra que o locutor pretende marcar sua não adesão a esse discurso, que, circula entre os que não são médicos e mesmo entre os que são. Nesse sentido, mesmo se excluindo desse lugar discursivo, a questão

do “preconceito” é valorada como não podendo fazer parte de quem se diz (ou se acha) superior. O elemento expressivo, que indica a relação valorativa do falante com o seu objeto de dizer – a questão do preconceito no não atendimento – e com os outros discursos parece indicar aqui que, mesmo tentando se excluir, o locutor faz parte de uma classe superior que não pode ser marcada pelo ódio e pela intolerância.

Este código de ética alimenta a discriminação e o preconceito, se no atendimento as condições psicológica do medico não estiver em condições tudo bem... ou chegando a pontos mais critico que o medico seja inimigo da vitima ele esta no direito de não fazer, pois corre o risco de ser acusado caso aconteça o pior, mas não atender uma pessoa sem ao menos conhece-la, ou simplesmente porque a pessoa necessitada tem uma mãe que é petista, ai não há justiça e a vontade individual não pode estar acima da vida, o ser humano nasceu para praticar o bem, que façamos o bem enquanto vivemos, porque no tumulo já não poderemos acalentar alguém.

Figura 5 - comentário 4
Fonte: Blog O Reacionário

No *post* 5, a relação dialógica entre enunciados se estabelece em relação ao código de ética no que tange à autonomia do médico para recusar atendimento quando houver contrariedade aos ditames de sua consciência ou a quem ele não deseje atender. Nesse caso, embora não haja a relação explícita com a alteridade, com a palavra do presidente do Simers, há, nessa réplica uma discordância com o enunciado inicial (do *post* 1) novamente com o acento expressivo colocado nas palavras discriminação e preconceito. Assim, há, por um lado, a concordância com a recusa ao atendimento se observadas algumas condições, mas a condição política, por outro lado, não pode ser uma delas, já que o locutor está creditando isso a um posicionamento pessoal, o que não seria justo. Vê-se, aqui, que a exclusão se coloca em termos políticos, valorada como injusta, assim como as citadas em *posts* anteriores.



Não alimenta discriminação nem preconceito algum. Alimenta a LIBERDADE, compreende isso? Ou seu pensamento aponta como justa uma ideia socialista de privação de liberdades, tal qual Cuba?

Figura 6 - comentário 5
Fonte: Blog O Reacionário

O *post* 6 é uma réplica direta ao *post* 5, ou seja, é um comentário sobre um comentário. Vê-se, então, que as relações dialógicas se estabelecem no diálogo mais imediato, em discordância, ou mesmo no diálogo com o discurso outro, no caso com o discurso do código de ética, em concordância. Como se trata de um modo de interação em rede social, o comentário acaba se tornando mais abrangente do que uma resposta numa comunicação face-a-face. Ainda assim, mantém a característica do diálogo mais simples, mesmo que por meio diferente, definindo-se como um enunciado que corresponde a uma unidade da comunicação verbal, tem um acabamento, ou seja, expressa um intuito discursivo e é uma expressão individualizada, porque proferido por um locutor, mas também se relaciona com os outros parceiros da comunicação verbal, seja seu interlocutor direto seja os outros discursos já ditos.

Desse modo, a retomada das palavras do *post* anterior mostra que, embora as palavras “discriminação” e “preconceito” pareçam ter o mesmo sentido para ambos os locutores (do *post* 4 e 5), elas não valoram o mesmo discurso de referência. Aqui, o juízo de valor sobre o enunciado (o código) faz referência à liberdade. Ora, essa palavra não é usada no código, que traz “não sendo obrigado”; portanto, a escolha dessa palavra é uma escolha expressiva do locutor a fim de completar seu intuito enunciativo de contrapor liberdade à falta de liberdade (ou “privação”, como ele usa). Não por acaso, há, no enunciado completo, a colocação de um discurso outro do “socialismo” como privação de liberdade, dando o exemplo de Cuba, como um país onde não há liberdade. Assim, esse enunciado é constituído por relações dialógicas que consideram o discurso do outro imediato (o interlocutor ao qual seu *post* responde diretamente), do outro mais distante (o código), de outros também distantes (os demais leitores do *blog*) e de discursos outros, de já ditos que não mais podem ser indicados como tendo um locutor específico, mas que representam um discurso que circula em um dado grupo social, revelando a sua

valoração sobre o que entendem ser socialismo. Todos esses discursos aparecem no enunciado em graus maiores ou menores de alteridade, mas são igualmente constitutivos de enunciado e colaboram para seu sentido.

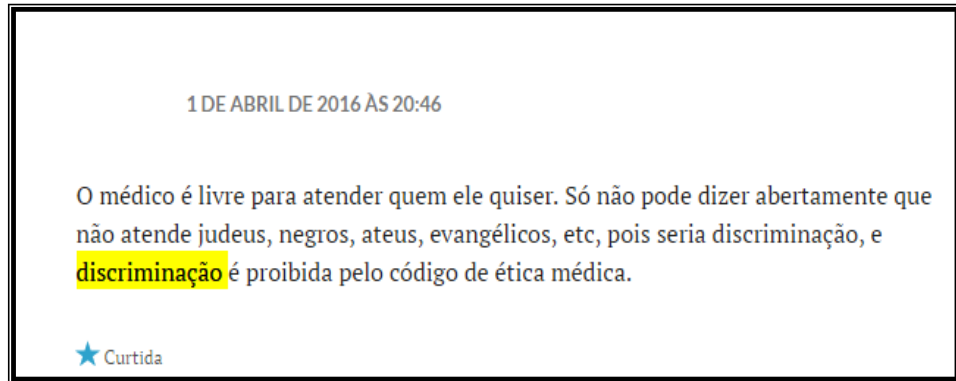


Figura 7- comentário 6
Fonte: Blog O Reacionário

O *post 7* apresenta-se também como uma réplica ao *post 5*, em relação dialógica tanto com este como com o *post 6*, com o qual concorda na questão da liberdade. Vê-se que, para isso, o locutor valora a palavra “livre”, retoma o enunciado do *post* anterior (6), no que se refere à oposição liberdade/discriminação.

Agora, no entanto, o acento expressivo não mais se relaciona com a questão política de regime de governo, mas coloca a liberdade de expressão como tópico do seu dizer. Assim, cita “grupos” que, para ele, são discriminados na sociedade brasileira atual, como os relativos à raça (negros) e religião (judeus, ateus, evangélicos). Observa-se que, para o locutor, o médico tem liberdade para não atender pessoas que fazem parte desses grupos, “só não pode dizer abertamente que não atende”. Não está claro, no entanto, se ele concorda com a conduta da médica ou com a valoração dessa conduta expressa no uso da palavra “confortável” pelo presidente do Simers (*post 1*), embora cite o código de ética, no que refere à questão da proibição, que é colocada, aqui, como discriminação e, portanto, proibida. Interessante notar que, para o locutor, a discriminação está ligada ao dizer (não atende) e não ao ato (não atender).

Vê-se, então, que a interação que se estabelece entre os interlocutores via comentários no blog, demonstra a circulação de diferentes discursos tanto a partir do diálogo entre interlocutores quanto como entre discursos outros, já ditos que são mobilizados para evidenciar o sentido do enunciado. É por isso que se recorre a

esses grupos, que em momento algum foram citados, tornando a relação dialógica estabelecida mais ampla do que a simples polarização política que vinha sendo apresentada pela discussão do caso.

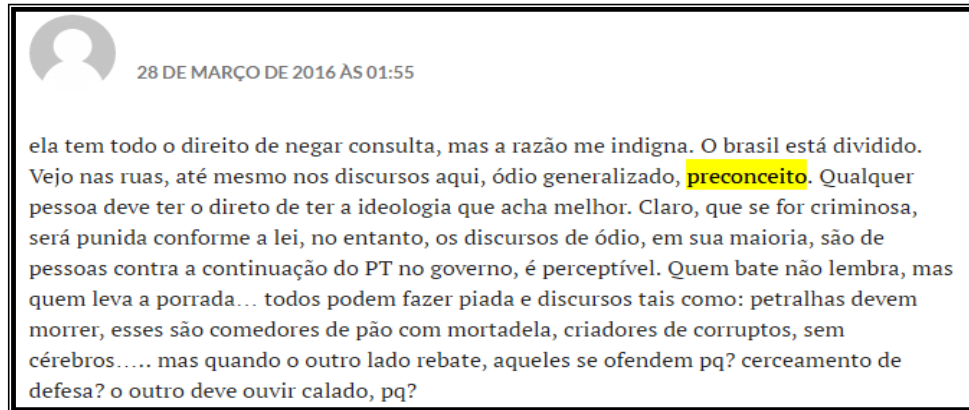


Figura 8 - comentário 7
Fonte: Blog O Reacionário

O *post* 8 coloca em questão a polarização política instaurada no país, a partir da eleição e do posterior impeachment da presidenta Dilma Rousseff, evidenciada na escolha da palavra “dividido”, Dessa forma, retoma-se a questão do preconceito contra um partido ou uma ideologia, conforme o próprio enunciador cita ao mencionar que “cada um pode ter a ideologia que acha melhor”. Na verdade, essa não é uma escolha, mas o resultado de um modo de significar o mundo que é social e histórica e não individual, como parece conceber o autor do *post*.

Assim, embora concorde com a recusa, colocando como “direito” da médica, ele discorda do motivo, escrita como “razão”. Embora usada como sinônimas, essas palavras não recobrem as mesmas coisas, já que a última indica raciocínio, apreensão, compreensão, julgamento, enquanto a primeira aponta para causa de algo. O que se depreende do uso da palavra razão pelo locutor parece corresponder à sua própria avaliação do enunciado do *post* 1, numa relação dialógica de concordância do fato mas não da justificativa.

O enunciador demonstra, então, sua compreensão sobre o que foi dito e dá sentido particular à palavra “preconceito” a fim de completar seu intuito enunciativo de criticar a divisão do país que, mais do que levar à recusa do atendimento, chega à disseminação de discursos de ódio contra o que se entende como esquerda e direita atualmente no país.

Vê-se, portanto, que a expressividade do enunciado está centrada na questão política, que se revela pela posição do locutor ao usar “ódio generalizado”, “discursos de ódio” para valorar sua posição sobre o embate político. O uso de expressões como “continuação do PT”, “petralhas”, “comedores de pão com mortadela”, “criadores de corruptos”, “sem cérebros”, demonstra a expressividade colocada no enunciado, valorando preconceito como uma posição contra a esquerda.

Essa posição se confirma quando o enunciador conclui seu raciocínio apontando que essas expressões são piadas que a direita faz com a esquerda, ou “discursos”. Há, aqui, uma valoração não explicitada de que o que é considerado como uma piada é, na verdade, um discurso que revela uma posição ideológica contra aquele que se coloca como esquerda, qualquer que seja a definição dessa palavra, mas que, basicamente, pelo enunciado, entende-se como pessoas do PT (caso da mãe da criança a quem foi negado atendimento).

O que o locutor parece estabelecer como tópico para discutir a questão do preconceito lembra uma briga, evidenciada na escolha de palavras como “bate”, “porrada”, “rebate”, “defesa” e da expressão “ouvir calado”. E esse embate coloca em oposição “o outro lado” e “aqueles”. Não há, portanto, um posicionamento do locutor, isto é, ele não se coloca “deste lado” ou como “nós” (em oposição a “aqueles”), mas há, sim, uma ideia de que o preconceito é generalizado, pois remete justamente à polarização política, ainda que acentue a questão em relação ao PT e, por isso, à esquerda.

Desse modo, o que ele valora como preconceito, na recusa ao atendimento, está centrado na crítica a uma postura contra um partido político, reflexo de uma divisão que demonstra a situação social, histórica do país que tem evidenciado a posição ideológica dos sujeitos nas interações verbais.

“É um partido que apenas incita o ódio ao querer atentar contra a vida de quem trabalha de forma ética”
 Ódio? Não se ve tanto ódio a século vindo de uma galera que tem a visão parca de achar que isso é culpa de um partido. Ódio é o que vem DEPOIS de uma médica DEIXAR de atender uma criança por ideologia. ISSO é divisão, preconceito e ABSOLUTA falta empatia com o próximo. Ah, e a sonegação de impostos no Brasil é 20 VEZES maior que o Bolsa família, viu??? Oh gente ÉTICA esses trabalhadores/empresarios Brasileiros em? Hahah.

Figura 9 - comentário 8
 Fonte: Blog O Reacionário

O *post* 9 constitui-se como resposta à indagação inicial, feita entre aspas, retirada de outro comentário pelo locutor deste *post*. Vê-se que a expressividade do enunciado está centrada na questão da polarização política como justificativa para a recusa ao atendimento da pediatra à criança. A posição do enunciador figura como uma atitude responsiva ao enunciado ao qual se constitui como resposta e revela ser, este, alguém que defende o partido e coloca a questão do ódio como decorrente do não atendimento da médica, o que se confirma ao serem selecionadas as palavras “ódio”, “galera” e “visão parca”.

Ao usar, em caixa alta, as palavras “DEPOIS” e “DEIXAR”, o locutor posiciona-se sobre a médica recusar o atendimento por questões ideológicas, valorando “preconceito” como “divisão”, posição ideológica diferente. O locutor coloca a recusa como falta de empatia, ao valorá-la como “ABSOLUTA falta”, usando caixa alta. A palavra “ÉTICA”, em caixa alta, é uma escolha expressiva do locutor, para retomar o discurso do Conselho de ética e relacionar a palavra à questão política e social do governo.

O locutor cita a “sonegação de impostos” e “Bolsa família” e coloca “trabalhadores/empresários” juntos, o que revela seu intuito enunciativo de criticar os trabalhadores que se colocam ao lado do patrão. Nota-se, que há uma relação dialógica com o interlocutor, o leitor do *post*- estabelecendo-se um diálogo muito próximo ao realizado numa conversa face-a-face. Há uma relação com o discurso outro- de outro *post*, citado diretamente e há relação dialógica com outros discursos.

A um médico como este, só se por dizer: Senhor, o senhor é um doente. Tomou tantas doses de ódio que consegue aprovar e apoiar a discriminação de uma criança de um ano apenas porque não gosta das ideias da mãe. Quantas doses mais para achar que pode recusar uma criança por que sua mãe é negra, ou pobre, ou índia?

Figura 10 - comentário 9
Fonte: Blog O Reacionário

No post 10, o locutor coloca em questão a recusa ao atendimento da criança pela pediatra, selecionando palavras do mesmo campo semântico, tais como “médico”, “doente” e “doses de ódio” constitui uma escolha expressiva do locutor para revelar o seu juízo de valor sobre o enunciado, que, por meio do uso das palavras “aprovar e apoiar” a “discriminação”, faz referência à conduta da pediatra que não atendeu paciente devido à posição política da mãe da criança. Vê-se que as relações dialógicas do enunciado se estabelecem por meio no diálogo imediato, ou no diálogo com o discurso outro, em tom de questionamento, no qual o locutor mobiliza as palavras “negra”, “pobre” e “índia” para completar seu intuito enunciativo de aventar outros motivos igualmente preconceituosos e discriminatórios que, seguindo a lógica racional da médica, que agiu conforme seus princípios ideológicos, justificam sua conduta de recusa ao atendimento.

A análise aqui feita foi centrada nas palavras “discriminação/ preconceito” e “confortável”, utilizadas por grupos de diferentes posicionamentos políticos para expor sua opinião sobre a polêmica no caso da pediatra que negou atendimento à paciente, por motivo partidário; e demonstrou a importância da construção de sentido dos signos ideológicos, considerando a noção de responsividade, que torna o sujeito dono de seu dizer, nas relações carregadas de valores políticos e ideológicos. Permitiu-se, dessa forma, o estudo do uso do discurso, no uso das palavras acima mencionadas, recorrentes no caso em que são utilizadas e selecionadas por expressarem, através da entonação conferida e dos valores do enunciado, a posição social de quem as usou.

Conclusão

Sabendo que uma das maiores contribuições de Bakhtin é a caracterização da linguagem, sobretudo da palavra, como um elemento carregado de historicidade, é relevante expor que nos interessou utilizar Bakhtin como aporte teórico devido ao seu próprio interesse pela linguagem, uma vez que o teórico russo a considera a partir do pressuposto teórico da interação, o que fica destacado a incorporação do outro no processo comunicativo, na enunciação - entendida como produto da interação verbal- e, assim, a linguagem é denominada dialógica por causa de sua concepção sociointeracional (LIMA, 2010).

Conquanto a dificuldade encontrada em segmentar conceitos tão inter-relacionados, buscou-se, no decorrer do percurso desta pesquisa, estudar a palavra, considerando a exterioridade que a acompanha quando colocada em interação no diálogo vivo. Em razão disso, procurou-se discutir as noções de enunciado concreto, relações dialógicas, dialogismo, a fim de se atingir maior compreensão acerca da teoria- a partir de uma aproximação com esses que consideramos serem os conceitos fundamentais desenvolvidos por Bakhtin e seu Círculo-, e que deram alicerce à realização da análise do corpus desta pesquisa.

A partir disso, traçamos um percurso metodológico que nos permitiu dar conta de trabalhar os conceitos mencionados acima, no qual partimos do conceito de enunciado como unidade fundamental da comunicação verbal, perpassando as relações dialógicas, mencionando o que se refere às relações dialógicas no contexto dos meios digitais, para, em seguida, apresentarmos a análise feita no corpus desta pesquisa, que se constituiu da análise da interação verbal representada por *posts* de páginas da internet, onde se coletaram comentários feitos sobre o caso motivador da investigação aqui realizada.

A análise da interação verbal representada pelos *posts* permitiu observar que, no uso da linguagem, a palavra não só é revestida de uma carga sócio-cultural, mas, sobretudo, recobre-se da valoração que reflete uma posição ideológica inerente aos grupos sociais. Como a comunicação verbal viva faz com que o diálogo seja a forma de interação mais comum, a utilização da língua, feita a partir de enunciados concretos e únicos, sejam orais ou escritos, coloca frente a frente grupos que mantêm relações com o seu objeto de dizer que podem ser de diversas naturezas.

Com isso, verificou-se que a construção de sentido produzida nos enunciados, por pessoas de diferentes grupos ideológicos ao manifestarem seus julgamentos de valor e utilizarem as palavras acima em seu dizer, demonstra que princípio expressivo do discurso revela a relação valorativa do locutor, tanto com o objeto do seu discurso, como com os discursos outros.

Para tanto, foram analisados os discursos, quanto ao seu acento de valor, em dez *posts*, dos 120 comentários, no blog “O reacionário”. Esses comentários foram analisados a partir do pressuposto de que funcionam como resposta à polarização existente entre eles; e o *post* que contém a declaração do presidente do Simers, cujo dizer usa a palavra “confortável”, na página “Pragmatismo político”, ao se posicionar sobre a atitude da médica.

Os comentários não foram selecionados de forma isolada, mas de acordo com as palavras que foram escolhidas, principalmente pelo seu caráter repetitivo nos *posts*, o que expressa a forma como o grupo se posiciona e atribui valoração e sentido às palavras, não apenas manifestando sua ideologia perante a questão, mas descrevendo a situação e dando margem a diversas interpretações ao episódio.

O grupo que produziu os comentários, mesmo que aparentemente marcado pela diversidade de experiências individuais, várias contradições e confrontos de valorações e interesses sociais dos seus indivíduos, se identifica pela ideologia, unificando-se como um grupo coeso. Isso se justifica no pensamento de Lemos (2009, p. 13), quando diz que as questões de censura, ativismo e política estão diretamente relacionadas aos blogs, uma vez que “dar voz a todos, permitir o compartilhamento e a troca de informações são poderosas ferramentas políticas de transformação da vida social”.

Neste trabalho, procuramos mostrar como essas relações dialógicas acontecem, por meio de um estudo de caso envolvendo a polêmica gerada pela recusa de atendimento médico de uma pediatra à criança por motivos de discordância política entre ela e a mãe da paciente. No estudo, analisou-se o uso das palavras *discriminação/preconceito* e *confortável* nos enunciados produzidos por grupos de diferentes posicionamentos políticos para expor seu parecer sobre a polêmica, a fim de constatar o modo como as pessoas usam o discurso para expressar sua posição ideológica. Valemo-nos dos pressupostos bakhtinianos como aporte teórico e, para a análise, de *posts* da internet, retirados de uma página do facebook e de um blog, constituídos de comentários a respeito do

caso.

Verificamos, então, como as palavras foram usadas em diferentes enunciados para mostrar que em cada um deles, o locutor, além de se posicionar frente ao seu objeto de dizer – no caso aqui tratado, a recusa de atendimento médico por razões políticas – relaciona-se com os dizeres/enunciados outros. E é justamente essa relação dialógica que lhe possibilita a expressividade ante o objeto de seu enunciado. São essas características do enunciado que fazem com que sejam escolhidos os recursos gramaticais que vão possibilitar o que o intuito enunciativo do enunciado se realiza, dando sentido a ele.

Na verificação das formas linguísticas que foram mobilizadas e nos significados apreendidos, identificamos a atribuição de sentidos associados às palavras, bem como as atitudes, crenças e juízos de valor relativos à situação. Isso mostrou que o modo como cada locutor, por meio de um discurso individual formado a partir de (tantos) outros discursos, é diferente porque, embora as palavras sejam neutras e não pertençam a ninguém, mas a todos, elas são recursos expressivos que expressam a atitude emotivo-valorativa ante uma situação específica. E, somente nesse contexto, poderão ter sentido. Um sentido que é global, dirigido a alguém, com uma finalidade específica, e que mostra que a língua nada pode sem a realidade concreta do enunciado na comunicação viva e real da interação verbal.

No percurso desta pesquisa, observou-se que cada vez mais os internautas utilizam os meios digitais e tornam o espaço de comentários dos blogs e das páginas da internet um local de encontro e discussão pública, uma vez que, conforme define Froelich (2016, p. 77), “tal espaço é aberto à participação dos leitores e capaz de abrigar uma diversidade de projetos enunciativos, concretizados através de diferentes modos de endereçabilidade”.

A análise apresentada neste trabalho mostrou como acontecem as relações dialógicas no contexto do meio digital, identificando a condição dialógica da linguagem no exame da endereçabilidade dos comentários.

Referências

AMARAL, Adriana. et al. Blogs.com: estudos sobre blogs e Comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 1997.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Questões de literatura e de estética**. 5. ed. São Paulo: Hucitc/Annablume, 2002.

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12. ed. São Paulo: HUCITC, 2006.

BRASIL, Resolução CFM nº 1931, de 17 de setembro de 2009. Dispões sobre o **Código de Ética Médica**. Diário Oficial da União, Brasília, p. 90, 24 set. 2009. Seção 1.

CONSONI, Gilberto Balbela. **Conversações online nos comentários de blogs: interações dialógicas nos blogs Melhores do Mundo, Interney e Pensar Enlouquece**. 192f. Dissertação. UFRGS. Porto Alegre - RS. 2010.

COELHO, Patrícia Margarida Faria; COSTA, Marcos Rogério Martins. As estratégias discursivas e dialógicas de uma rede social: o caso do sucesso do Facebook no Brasil. **Rev. Lumen et Virtus**. V. VI. n. 13. Set. 2015.

FARIA E SILVA, Adriana Pucci Penteadó de. Bakhtin. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 45-69.

FILHO, Urbano Cavalcanti; TORGA, Vânia Lúcia Menezes. **Língua, Discurso, Texto, Dialogismo e Sujeito: compreendendo os gêneros discursivos na concepção dialógica, sócio-histórica e ideológica da língua(gem)**. Trabalhos apresentado ao I Congresso Nacional de Estudos Linguísticos, Vitória-ES, 18-21 de outubro de 2011.

FIORIN: José Luiz de. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FROEHLICH, M. Sobre o comentar na Web: algumas considerações. In: SOBRAL, A.; BOHN, H. **Dialogismo**: bordas, fronteiras, imprecisões, sentidos. Pelotas: EDUCAT, 2016. p. 73-83.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LIMA, Valquíria Botega de. O conceito de palavra sob o olhar de Mikhail Bakhtin. **Rev. Linguagem**. Universidade de São Carlos- SP. Mar. 2010. Disponível em: < http://www.letras.ufscar.br/linguagem/edicao12/artigos_01.php>. Acesso em: 22 jun. 2017.

MITOZO, Isabele Batista; MASSUCHIN, Michele Goulart; CARVALHO, Fernanda Cavassana de. Características do debate político-eleitoral no Facebook: os comentários do público em posts jornalísticos nas eleições presidenciais de 2014. VI Congresso. PUC: PoA-RS, 2015.

OLIVEIRA, José Wanderley Souza; TORGA, Vânia Lúcia Menezes. O blog de notícias: do Hipergênero ao Hiperleitor. **Signo**. v. 38, p. 124-145, mar. 2013. EDUNISC: Santa Cruz do Sul- RS.

O REACIONÁRIO. Disponível em: <<http://blogreaca.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

PRAGMATISMO POLÍTICO- Disponível em: <<https://www.facebook.com/PragmatismoPolitico/?fref=ts>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Análise de gêneros do discurso na teoria bakhtiniana: algumas questões teóricas e metodológicas. **Rev. Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, v. 4, n. 2, p. 415-440, jan./jun. 2004.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Comunidades em Redes Sociais da Internet: Proposta de Tipologia baseada no Fotolog.com**. 334f. Tese de doutorado. UFRGS. Porto Alegre - RS. 2006.

_____. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIO GRANDE DO SUL. Resolução nº 06/01, de 4 de dezembro de 2001, 05/02, de 7 de maio de 1997 e 06/1997, de 21/06/1997. **Dispõe sobre o Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio Grande do Sul.** 2001.

RUIZ, T. M. B. Diretrizes metodológicas na análise dialógica do discurso: o olhar do pesquisador iniciantes. **Rev. Diálogos.** V. 5, n. 1, 2017. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia>>. Acesso em: 20 dez 2017.

SANTOS, Roberta Kerr dos. Análise do discurso e interação na web através da rede social Facebook: comentários utilizados para fins de conversação. *Rev. Philologus.* ano 18. n. 53- Suplemento: **Anais do IV SINEFIL.** Rio de Janeiro: CiFEFiL. maio/ago. 2012.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero:** as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

_____. Uma proposta bakhtiniana de estudo dos gêneros discursivos. In: BRAIT, B; MAGALHÃES, A. S. (Org.). **Dialogismo:** teoria e(m) prática. São Paulo: Terracota, 2014.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso- ADD. **Rev. Domínios de Linguagem.** Vol.10, n. 3. Uberlândia, jul/set, 2016.

SOUSA, Maíra de Cássia Evangelista de. A dinâmica da notícia nas redes sociais na internet. **Rev. Fronteiras- estudos midiáticos.** v. 17, n. 2. maio/agosto. 2015. P. 199-212.

STELLA, Paulo Rogério. Palavra. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin:** conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005. p. 177-190.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade:** uma teoria social da mídia. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 261 p.

ZAGO, Gabriela; BASTOS, Marco Toledo. Visibilidade de notícias no Twitter e no Facebook: análise comparativa das notícias mais repercutidas na Europa e nas Américas. **Brazilian Journalism Research.** v. 9, n. 1. 2013.